

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



JOÃO MANUEL ESTEVES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA SECUNDÁRIA DA
LOUSÃ – AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA LOUSÃ, JUNTO DA TURMA
DO 9.º A NO ANO LETIVO DE 2014/2015**

MOTIVAÇÃO E ABANDONO DO DESPORTO ESCOLAR

COIMBRA

2015

JOÃO MANUEL ESTEVES

N.º 2013126513

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA DA LOUSÃ – AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA LOUSÃ,
JUNTO DA TURMA DO 9.º A NO ANO LETIVO DE 2014/2015**

MOTIVAÇÃO E ABANDONO DO DESPORTO ESCOLAR

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de fevereiro)

Orientador: Mestre Miguel Fachada

COIMBRA

2015

Esta obra deve ser citada como:

Esteves, J. (2015). *Relatório Final de Estágio desenvolvido na Escola Secundária da Lousã – Agrupamento de Escolas da Lousã, junto da turma do 9.º A no ano letivo de 2014/2015: Motivação e Abandono do Desporto Escolar*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Eu, João Manuel Esteves, aluno n.º 2013126513 do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio, constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art.º 30.º do Regulamento Pedagógico da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (versão de 10 de Março de 2009).

16 de junho de 2015

(João Manuel Esteves)

Dedicatória

DEDICO ESTE TRABALHO À MINHA QUERIDA MÃE E AO MEU PAI QUE ONDE QUER QUE ESTEJAM DEVEM ESTAR FELIZES POR MIM, À MINHA IRMÃ, AOS MEUS SOGROS, À MINHA CUNHADA, À MINHA SOBRINHA E INEVITAVELMENTE À MINHA MULHER E AOS MEUS FILHOS. A DEUS AGRADEÇO PELA VIDA. DEVO-VOS PARTE DAS MINHAS CONQUISTAS E TODO O SABER QUE NÃO SE ENCONTRA NA LITERATURA. A VOCÊS, TODO O MEU CARINHO, RESPEITO, AMOR E RECONHECIMENTO, POIS SEMPRE ME DERAM TODO O APOIO E CONDIÇÕES DE CHEGAR ATÉ AQUI.

MUITO OBRIGADO!

Agradecimentos

Neste momento, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que me apoiaram nesta jornada...

Primeiro, gostaria de agradecer a DEUS, pois sem a SUA bênção e força este trabalho não se teria concretizado...

Aos meus orientadores, professor João Moreira e ao Mestre Miguel Fachada, pelos seus conselhos e pela orientação ao longo deste ano de trabalho (estágio). A todos os meus professores da Faculdade, pelos ensinamentos e por todo o conhecimento que pude obter de vocês.

Aos meus amigos e colegas de faculdade, pela receção, por estarem sempre do meu lado e me darem atenção nos momentos em que precisei de um ouvido... E finalmente, às pessoas que me ajudaram muito mesmo, nestes tempos de incerteza e de dúvida, à minha irmã, aos meus sogros, à minha cunhada e sobrinha, à Zéquinha e inevitavelmente à minha mulher e aos meus filhos. Só consegui chegar ao fim com a ajuda da fabulosa mulher que me acompanha no dia a dia e dos melhores filhos do mundo, ao João e à Inês, pois este trabalho também é vosso.

Sou um homem abençoado por Deus, pela família que tenho.

Agradeço por compreenderem o facto de não poder estar convosco em muitos momentos do dia.

Obrigado!

RESUMO

O presente relatório final de estágio pedagógico, foi estruturado no âmbito da unidade curricular Estágio Pedagógico, enquadrado no 3º e 4º semestre, do 2.º ano, do Plano de Estudos do Mestrado da Educação Física no Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Tem como finalidade descrever o trabalho efetuado por nós ao longo do estágio pedagógico, desenvolvido na escola Secundária da Lousã no ano letivo 2014/2015. Os estagiários envolvidos neste estágio foram a Joana, o Paulo e eu, João, finalistas do referido Mestrado, tivemos como Orientador Pedagógico, o professor João Moreira e um orientador Científico da (FCDEF), Mestre Miguel Fachada, que seguiram ambos todo o processo e trabalho desenvolvido por nós. Através do presente documento, iremos apresentar o trabalho desenvolvido neste ano letivo, onde se encontram definidas as linhas programáticas do referido estágio. Iremos assim tentar que todo o trabalho desenvolvido, científico e pedagógico, sejam expostos de uma forma clara e objetiva no presente relatório. Também iremos referir um conjunto de mais-valias que contribuíram para a nossa formação, assim como as dificuldades encontradas no referido estágio. Consideramos esta análise importante, pois contribuiu decisivamente para a nossa evolução pedagógica. Por fim, sugerimos ainda algumas recomendações, que tenham como finalidade melhorar em termos futuros o nosso exercício enquanto docentes. Assim as diversas atividades por nós desenvolvidas no estágio Pedagógico serão aportadas em três partes distintas: a primeira é uma área essencialmente descritiva relativamente à contextualização pedagógica, a segunda área consiste numa reflexão crítica das práticas pedagógicas realizadas e a terceira área é o aprofundamento de um tema/problema intitulado “Motivação e Abandono do Desporto Escolar”.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico; Planeamento; Realização; Avaliação; Ensino-Aprendizagem; Educação Física; Desporto Escolar.

ABSTRACT

This pedagogical internship final report was structured within the framework of the course unit of Pedagogical Internship, framed in the 3rd and 4th semester of the 2nd year of the Master Study Plan of Physical Education the Elementary and Secondary Schools of the University of Coimbra. This summary aims to describe the work performed by us along the educational stage, developed in Secondary Lousã School in academic year 2014/2015. The trainees involved in this stage were Joana, Paulo and I, João finalists of the Master. We had as a Pedagogical Advisor, Professor João Moreira and a Scientific Advisor (FCDEF), Master Miguel Fachada, both of them followed the entire process and all the work developed by us. Through this document, we are going to present the work of this school year, where are defined the programmatic lines of the said stage. And so, we will try to present the developed scientific and pedagogical work, in a clear and objective way within this internship. We will also refer to a set of capital gains that have contributed to our training, as well as the difficulties involved in that stage, we consider this important analysis because it made a decisive contribution to our pedagogical development. Finally, we suggest some recommendations, which have the purpose to improve in future our exercise while teaching. Thus the various activities we had developed during our Pedagogical internship will be delineated in three distinct parts. The first part is an area essentially descriptive regarding the pedagogical context. The second part is an area that consists of a critical reflection of the pedagogical practices carried out. The third area is the deepening of a theme/issue titled "School Sports Motivation and Abandonment"

Keywords for this page: Pedagogical Internship; Planning; Realization; Evaluation; Teaching and Learning; Physical Education; School Sports.

Resumen

El presente informe final de prácticas pedagógicas, se ha estructurado en el ámbito de la unidad curricular Prácticas Pedagógicas, incluido en el 3º y 4º semestre, del 2º curso, del Plan de Estudios del Máster de Educación Física en Educación Primaria y ESO, de la Facultad de “Ciencias del Deporte e Educación Física” de la Universidad de Coimbra. Tiene por objeto describir el trabajo que hemos realizado durante las prácticas pedagógicas, llevado a cabo en la Escuela Secundaria de Lousã durante el curso escolar 2014/2015.

Los interventores en estas prácticas han sido: Joanna, Paulo y yo, João, finalistas del antedicho Máster, siendo nuestro Orientador Pedagógico, el profesor João Moreira y un orientador Científico de FCDEF, Maestro Miguel Fachada, ambos han acompañado todo el proceso y todo el trabajo que hemos desarrollado.

A través de este documento, vamos a presentar el trabajo desarrollado durante este curso escolar, en el, se encuentran definidas las líneas programáticas de las referidas prácticas. Intentaremos, así, que todo el trabajo desarrollado, científico y pedagógico, se exponga de una forma clara y objetiva en este informe. También referiremos un conjunto de plusvalías que han contribuido en nuestra formación, así como las dificultades encontradas en dichas prácticas. Consideramos este análisis importante, ya que ha contribuido decisivamente en nuestra evolución pedagógica. Por último, también sugerimos algunas recomendaciones, cuya finalidad es la de mejorar, cara al futuro, nuestro ejercicio en cuanto docentes.

Así, las diversas actividades desenvueltas en estas prácticas pedagógicas se presentarán en tres partes distintas. La primera es fundamentalmente descriptiva en relación al contexto educativo. La segunda área consiste en una reflexión crítica de las prácticas pedagógicas realizadas. La tercera área es la profundización de un tema/problema titulado: “Motivación y Abandono del Deporte Escolar”.

Palabras clave: Prácticas Pedagógicas; Planeamiento; Realización; Evaluación; Enseñanza-Aprendizaje; Educación Física; Deporte Escolar.

Índice

1- Introdução.....	13
2- Expetativas iniciais em relação ao estágio.....	14
3- Caracterização da escola.....	16
3.1- Contextualização desportiva do meio envolvente.....	17
3.2- Departamento de Educação Física da Escola.....	18
3.3- Orientadores.....	18
3.4- Núcleo de estágio.....	19
3.5- Caracterização da turma.....	19
4- Atividades realizadas no âmbito do estágio pedagógico.....	20
4.1- Planeamento.....	21
4.1.1- Plano Anual.....	22
4.1.2- Unidades Didáticas.....	24
4.1.3- Planos de aula.....	25
4.2- Realização.....	26
4.2.1- Gestão do tempo de aula.....	26
4.2.2- Instrução.....	27
4.2.3- Feedback.....	28
4.2.4- Decisões de ajustamento.....	30
5- Domínios da Avaliação.....	31
5.1- Avaliação Diagnóstica.....	32
5.2- Avaliação Formativa.....	33
5.3- Avaliação Sumativa.....	34
5.4- Elemento ético-profissional.....	34
6- Justificação das opções tomadas.....	35
7- Conhecimentos adquiridos.....	37
8- Compromisso com as aprendizagens dos alunos.....	40
9- Dificuldades sentidas.....	41
10- Tema/Problema.....	43
10.1- Fundamentação Teórica.....	43
10.2- Justificação do tema problema.....	44
10.3- Questão de Partida.....	45

10.4- Objetivos.....	45
10.4.1- Objetivo Geral.....	45
10.4.2- Objetivos Específicos	46
10.5- Metodologia.....	46
10.6- Seleção da amostra	47
10.7- Instrumentos	47
10.8- Procedimentos estatísticos.....	49
10.8.1- Hipóteses estatísticas	49
11- Resultados.....	50
11.1- Resultados: caracterização da Amostra dos praticantes.....	50
11.2- Resultados: motivos para a prática de desporto.....	52
11.3- Resultados: caracterização da Amostra dos não praticantes	57
11.4- Resultados: motivos para o abandono do desporto escolar	59
12- Síntese conclusiva.....	61
13 - Realidade do estágio em contexto escolar	63
13.1- Prática pedagógica supervisionada e perspetivas de futuro.....	64
Referências Bibliográficas.....	65
Anexos	70

Índice de Figuras

Figura 1 – Sexo	50
Figura 2 – Ano que frequenta	51
Figura 3 – Modalidades praticadas	51
Figura 4 – Escalão.....	52
Figura 5 – Dimensões de motivação para a prática de desporto por ano de escolaridade	57
Figura 6 – Género	57
Figura 7 – Ano que frequenta	58
Figura 8 – Modalidades que praticaram.....	58
Figura 9 – Escalão.....	59

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Motivos para a prática de desporto	53
Tabela 2 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto	54
Tabela 3 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto por Sexo do participante	54
Tabela 4 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto por Ano de escolaridade	55
Tabela 5 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto por Ano de escolaridade – Teste Tukey	55
Tabela 6 – Motivos para o abandono do desporto escolar	61
Tabela 7 – Dimensões associadas às razões de abandono do desporto escolar.....	61

1- Introdução

O presente documento vem no seguimento do trabalho desenvolvido no âmbito do Estágio Pedagógico que se insere no Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEFUC), conducente ao 2º ciclo de estudos.

Ao longo deste relatório descrevemos e refletimos sobre o trabalho por nós desenvolvido, onde os fracassos e os sucessos nos acompanharam, tendo à nossa responsabilidade uma turma do 9º ano.

A experiência por nós vivenciada, foi também intensamente vivida com mais dois professores estagiários, a Joana e o Paulo, sob a supervisão do professor cooperante, João Moreira e o orientador da FCDEFUC, Mestre Miguel Fachada. Apesar de termos encontrado algumas dificuldades ao longo do estágio, o facto de termos trabalhado em conjunto ajudou-nos imenso, pois permitiu-nos a troca de experiências e reflexões, formando assim uma boa equipa que nos possibilitou superar os contratemplos encontrados.

O presente relatório encontra-se organizado em três partes distintas: a contextualização das atividades desenvolvidas durante o estágio pedagógico, a análise reflexiva dessas atividades, nomeadamente no que diz respeito aos aspetos ligados ao Planeamento (Plano Anual, Unidades Didáticas e Planos de aula), Realização (onde são abordados aspetos relativos à instrução, gestão, clima/disciplina e decisões de ajustamento) e Avaliação (Diagnóstica, Formativa e Sumativa) e ainda as expectativas iniciais do professor estagiário e a sua componente ético-profissional.

No final é realizada uma abordagem ao Tema/Problema, relativamente ao trabalho por nós desenvolvido e que diz respeito à “Motivação e Abandono do Desporto Escolar” e justificada a sua aplicação no processo de ensino/aprendizagem.

Concluimos fazendo menção aos aspetos mais significativos, relacionando os elementos descritivos, fazendo a reflexão dos processos referentes à realização do Estágio Pedagógico, constatando o crescimento profissional e as perspetivas para o futuro. Gostaríamos de salientar que este

estágio proporcionou uma experiência bastante enriquecedora, ajudando na construção enquanto professor de Educação Física. Aprendemos o verdadeiro sentido da palavra reflexão, pois não conseguimos terminar as aulas sem que faça um ponto da situação do que não correu tão bem, assim como do que correu bem para poder continuar a melhorar.

2- Expetativas iniciais em relação ao estágio

Quando decidimos realizar este mestrado, uma panóplia de dificuldades surgiram na nossa vida, o facto de ser casado, pai de família, a necessidade de conjugar a família, trabalho e a distância, foram obstáculos que encontrámos no primeiro momento, mas com a ajuda e compreensão da família e com a vontade em querer aprender sempre mais, fomos conseguindo a pouco e pouco ultrapassar todas estas barreiras. Chegado o 2º ano e com ele o Estágio Pedagógico, etapa importante na formação de um professor, pois é aqui que se põe em prática todo o trabalho desenvolvido na nossa formação, novamente uma série de obstáculos surgiram, nomeadamente a distância e a necessidade mais uma vez de articular trabalho e família, com a deslocação à Lousã. Uma vez ultrapassadas estas dificuldades, as esperanças que depositamos nesta nossa formação e a vontade que temos em vencer, levaram-nos a que continuássemos a lutar por aquilo a que nos propusemos: adquirir conhecimentos específicos relativos à realidade escolar em que nos encontramos a desenvolver o Estágio Pedagógico, tentar compreender a realidade nomeadamente no que diz respeito às características específicas dos alunos nestas faixas etárias e consciencializar os mesmos da importância de uma boa formação escolar.

Já esperávamos que esta atividade como professor estagiário, fosse extremamente motivadora e rica para nós e para os alunos, devido ao imaginário que idealizámos e aos ensinamentos que pudemos retirar da nossa formação académica. No entanto, devemos referir que foi com a máxima preocupação e honestidade que nos propusemos iniciar este estágio, procurando criar situações propícias de igualdade, de enriquecimento cultural, físico e cognitivo aos nossos alunos, contribuindo para o desenvolvimento da

sua autonomia, do seu bem-estar e inclusão na sociedade, cumprindo com todas as exigências éticas e deontológicas que lhe estivessem associadas, embora soubéssemos que ser professor de Educação Física não é tarefa fácil, pois temos que lidar com vários tipos de personalidade. Ao lecionar aulas a adolescentes (do terceiro ciclo: com várias mudanças físicas, psicológicas e comportamentais) naturalmente que sentimos alguma ansiedade e dificuldade, isto por termos pouco conhecimento desta população alvo a nível comportamental. Identificámos também algumas fragilidades nomeadamente no controlo dos alunos, pelo que definimos alguns objetivos como, conseguir que estivessem em silêncio e com atenção no tempo dedicado à instrução e definimos como estratégias de superação, não falarmos se houvesse barulho e lembrar sempre no início de cada aula a importância de se estar em silêncio. Lembramos Castuera (2004), quando menciona que a adolescência constitui um período da vida que suscita grande interesse, já que os hábitos adquiridos nesta etapa têm reflexos na vida adulta e aí estávamos confiantes de que com trabalho, dedicação e sacrifício, esta etapa seria ultrapassada.

Os alunos sentem quando um professor não tem segurança naquilo que transmite. Assim, as nossas preocupações iniciais centraram-se no controlo dos alunos e na criação de um clima agradável, onde eles se sentissem bem, no entanto, tendo sempre presente que a nossa principal função é ensinar.

O Estágio Pedagógico reveste-se de particular importância na formação de professores. Para além de promover vivências reais de formação no âmbito escolar, permite também troca de experiências, troca de saberes e foi isso que aconteceu, pois permitiu melhorar o nosso desempenho. Tendo em consideração o conjunto de atividades que foram desenvolvidas no decorrer do estágio, existiram objetivos relacionados com a organização e concretização de atividades, desenvolvimento de competências no planeamento, na comunicação, no desenvolvimento e aplicação de estratégias, na capacidade de refletir sobre o que foi realizado e na predisposição para modificar, por exemplo, a nível de exercícios ou de organização, sempre com o objetivo de melhorar o desempenho dos alunos.

Barbosa (1997a) refere que o ato educativo é caracterizado por ser consequência de uma nítida intenção de formar alguém, ou seja, de influenciar o seu futuro. Esperamos assim, ter transmitido conhecimentos nos vários

domínios científicos aos alunos, tais como, valores, regras, atitudes corretas de partilha, de cooperação e entreatajuda, convívio harmonioso e ajudá-los a crescer como pessoas, enfim, formar bons cidadãos, e isto vai ao encontro de Barbosa (1997a) quando refere que a formação de um professor tem de ser uma formação para a vida, isto é, que permita ao professor ser capaz de atuar em vários domínios. A escola, enquanto organização educativa, deverá desempenhar um importante papel no desenvolvimento integral dos seus alunos, com o dever de a considerar como um espaço cultural por excelência, sendo nele que se deve dar início a práticas desportivas, para que cada aluno se aproprie dos saberes gerados pela sociedade atual. É na escola que se devem reconstituir e recriar os processos de aprendizagem da cultura desportiva, devendo ainda ser o espaço de aprender e não só o de ensinar, pois é o local de construção da sociedade. Tínhamos plena consciência que iríamos ter um ano difícil apesar da nossa experiência, no entanto, também sabíamos que com o apoio dos colegas e dos orientadores de Estágio da escola e da Faculdade, esse caminho seria facilitado, ainda que com muito trabalho, baseado num clima favorável à aprendizagem, estabelecendo conseqüentemente uma boa relação professor aluno.

3- Caracterização da escola

A Escola Secundária da Lousã, encontra-se numa zona habitacional, sedeadada na Rua Antonino Henriques, nome que provém de um antigo professor que era diretor na Escola Industrial e Comercial Avelar Brotero, de Coimbra e daí o nome que foi atribuído à rua onde se encontra. A data da sua criação consta de 27 de outubro de 1966. Em setembro de 1971, a secção da Brotero na Lousã através do seu processo de autonomia, passou a Escola Técnica da Lousã. Foi em abril de 1975, que o Conselho Diretivo eleito, entrou em funções pela primeira vez. A escola transferiu-se para as atuais instalações em abril de 1987. A escola possui o Bloco A, o Bloco B, o Bloco Principal (Polivalente), um Pavilhão Gimnodesportivo, um campo exterior e a Piscina Municipal que se encontra junto à escola (sendo esta propriedade do Município).

Em relação às instalações desportivas da escola Secundária da Lousã, esta dispõe de um Polidesportivo descoberto exterior, onde é possível lecionar várias modalidades, nomeadamente Voleibol, Andebol, Futsal, Basquetebol, Badminton e Ginástica. No Polidesportivo coberto, é possível lecionar Ginástica, Badminton, Basquetebol, Voleibol, Andebol e Futsal. No caso de chover, o Polidesportivo coberto terá de ser repartido por quatro professores. Os professores de Educação Física possuem um gabinete próprio, anexo ao seu local de trabalho, utilizado diariamente por todos, para as reuniões de grupo e para a realização dos sumários.

O facto de termos realizado o Projeto de Investigação Ação nesta escola, de termos sido bem recebidos e encontrado um bom ambiente, levou-nos a perceber que seria um bom local para estagiar. Esta escolha superou em muito as nossas expectativas.

3.1- Contextualização desportiva do meio envolvente

O município da Lousã está ligado ao Desporto, possuindo diversas associações e clubes desportivos de diferentes modalidades (Voleibol, Basquetebol, Futebol 11, Futebol de 7, Futsal, Rugby, Caça, Pesca, Karaté, Natação, Cicloturismo, Dança, TT, Enduro (Motos), Parapente, BTT, Caminheiros, Judo, Columbofilia).

O município desenvolve ainda programas desportivos, nomeadamente: As "Férias Ativas", que é um projeto destinado às crianças e jovens do Concelho da Lousã, proporcionando momentos de diversão e educação através da prática desportiva. Este projeto acontece em três momentos diferentes, no período de pausas letivas do "Natal", "Páscoa" e "verão". e tem como principais objetivos:

- Consolidar a prática desportiva da população em idade escolar;
- Contribuir para que o maior número de jovens realize atividade física;
- Promover o gosto pela prática regular de atividade física;
- Desenvolver atividades de lazer e recreação para as Crianças e Jovens;
- Permitir a ocupação dos tempos livres de forma saudável.

Nas piscinas municipais da Lousã também existe uma forte dinamização de atividade desportiva, nomeadamente aulas de natação e outras variantes de exercício físico no meio aquático.

3.2- Departamento de Educação Física da Escola

O departamento de Educação Física, tem entre mãos o Projeto de Educação Física da escola que tem como fundamentos, uma referência fundamental para a orientação e organização do trabalho conjunto dos professores de Educação Física e de cada um em particular, o que vai ao encontro do preconizado por Nóvoa (2009, p. 214), quando diz que (...) *“os novos modos de profissionalidade docente implicam um reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipa, da intervenção conjunta nos projetos educativos de escola (...)”*. Deste departamento saem decisões sobre a composição do currículo dos alunos, no quadro das orientações programáticas em vigor, incluindo opções sobre as atividades (PAA), e de complemento curricular (Desporto Escolar e outras), considerando as características gerais da população escolar (escolas donde provêm, currículos anteriores, etc.), as características dos recursos e o seu plano de desenvolvimento, as possibilidades e limitações de professores e o seu plano de formação. Foi neste departamento que nos inserimos e com quem partilhamos as mais variadas experiências e opiniões. Este grupo de professores é composto por duas professoras e cinco professores. Como um pavilhão não funciona sem funcionários, contámos com a ajuda imprescindível da D. Fátima, com quem mantivemos sempre uma postura dialogante e amiga.

3.3- Orientadores

Como não podíamos deixar de referir nesta nossa formação, contamos sempre com a disponibilidade e a ajuda inigualável do nosso orientador de escola, professor João Moreira, com o qual mantivemos sempre um diálogo aberto, sincero, amigo e sobretudo profissional. A sua experiência foi sem

dúvida um marco na nossa passagem pela Lousã, uma mais-valia, quer pessoal, quer profissional, pois tornou-nos melhores profissionais.

Relativamente ao orientador da Faculdade, Mestre Miguel Fachada, a sua colaboração, a sua crítica e os seus ensinamentos foram um pilar fundamental também na nossa formação, pois a sua frontalidade e capacidade de análise, foram sempre adequadas, justas e fundamentadas, contribuindo assim para um melhor desempenho na nossa prática pedagógica, pois encarámo-las sempre como essenciais, construtivas e benéficas para o nosso processo de formação.

3.4- Núcleo de estágio

Não conhecíamos pessoalmente os nossos colegas de grupo de estágio, pois embora já nos conhecêssemos do ano anterior, nunca trabalhámos em conjunto. Mesmo assim, comprovámos que é possível articular e cooperar uns com os outros e com o mesmo objetivo.

Através do trabalho de grupo aprendemos a planificar, a refletir e a desenvolver metodologias de trabalho, que resultaram nos bons resultados das atividades que organizámos em conjunto na escola, como o torneio de Futsal e Mini triatlo. Aprendemos assim a conviver, a partilhar e a ajudarmo-nos reciprocamente. A amizade entre estagiários proporcionou um ambiente alegre, dinâmico e de cooperação entre todos.

3.5- Caracterização da turma

A turma do 9ºA é constituída por vinte e um alunos, dos quais, doze (57%) são rapazes e nove (43%) são raparigas, com idades compreendidas entre os 13 e 19 anos. Do total de alunos, seis são repetentes e três são alunos com Necessidades Educativas Especiais, dos quais dois têm Currículo Especifico Individual, ao abrigo do decreto-lei 3/2008 de 7 de janeiro.

Não foi uma turma fácil, pois tinha comportamentos muito desviantes, estava pouco motivada para o processo ensino/aprendizagem em todas as disciplinas e daí a dificuldade do nosso trabalho. Nóvoa (2002, p. 23) refere

que “(...) o trabalho do professor depende da colaboração do aluno (...)” e que, “ninguém ensina quem não quer aprender”.

Dos vários conselhos de turma realizados, pudemos constatar que o fraco acompanhamento por parte dos encarregados de educação, leva a que os alunos se sintam desprotegidos e se deixem levar por situações menos corretas e desejáveis, o que de certa forma explica o mau desempenho dos mesmos em termos escolares e entre pares. Com o desenrolar do ano letivo, houve duas participações disciplinares que envolveram dois alunos. Também pudemos verificar, que é uma turma sem objetivos definidos para o futuro. Para colmatar este desinteresse tentámo-nos enquadrar nos vários perfis sociais dos alunos como pessoas, isto é, pensar fora da escola. Nesta perspetiva, partilhamos da opinião de Nóvoa (2002, p. 34), quando refere que “a escola não é vista apenas como um lugar de aprendizagem, mas também como um lugar de vida (...)”.

De forma a termos uma caracterização da turma mais personalizada, aplicámos questionários que os alunos preencheram e de acordo com os resultados obtidos constatámos que, dezassete alunos não praticam qualquer tipo de desporto e que nunca participaram no Desporto Escolar, quatro mencionaram que praticam desporto fora da escola, dois praticam Futebol, um Futsal e um Voleibol. Curiosamente, no mesmo questionário, verificámos que treze alunos referem que praticar desporto é do seu agrado, seis mencionam que é razoável praticar desporto e uma aluna diz que a prática desportiva não é do seu agrado, o que nos levou a ter uma atitude entusiasta para com ela nas aulas e arranjar estratégias para gerar maior motivação, nomeadamente utilizando constantes feedbacks positivos e motivadores.

Aferimos assim, que estávamos perante uma turma estudantil com poucos hábitos desportivos e que demonstravam pouco empenho e motivação nas aulas de Educação Física.

4- Atividades realizadas no âmbito do estágio pedagógico

Ao longo do estágio pedagógico, o grupo de estágio teve de desenvolver atividades no âmbito da disciplina Projeto e Parcerias Educativas,

no nosso caso, desenvolvido junto do coordenador do desporto escolar, onde desempenhámos o trabalho de assessoria. Em contexto escolar, desenvolvemos duas atividades, uma no primeiro período, de Futsal, e outra no segundo período de Mini triatlo. Estas foram importantes, no sentido de aprendermos a planificar, a concretizar e a avaliar, não esquecendo a parte ético-profissional.

4.1- Planeamento

Todo o planeamento envolve um processo prévio da ação, que Bento (2003, p. 58) chama de “*antecipação mental*” e que segundo o mesmo (2003, p. 59) deve ser respeitado: “*cientificidade*”, “*exigência à personalidade do professor*”, “*respeito pelo programa e pelas características dos alunos*”, “*conceção lata*” de ensino e educação e inclusão de estratégias que potenciem o trabalho e rentabilizem o tempo.

Assim, no nosso planeamento anual, realizámos diversos tipos de tarefas, tais como: Plano de Turma, Unidades Didáticas e os planos de aula, que segundo o autor atrás referido, é aqui que o professor define os objetivos a alcançar e as estratégias a utilizar. Daí que o professor, para Bento (1987, p. 35) deva conhecer “*os princípios do planeamento e do ensino de um dado conteúdo, isto é, deve ter conhecimento específico do processo de planeamento (competência didática) e por outro lado, ter conhecimento específico do processo planificado (do ato de ensino)*”. Procurámos igualmente uma coerência em termos de planeamento curricular indo ao encontro do que defende Ennis (2003) quando refere que o planeamento deve seguir uma construção e uma compreensão progressiva do simples para o complexo em termos de conteúdos. Para isso, contamos com a preciosa ajuda do Modelo de Estrutura de Conhecimento (MEC) de Vickers (1990) que se encontra dividido em oito módulos. Módulo 1- Análise da modalidade; Módulo 2- Análise das condições de aprendizagem (recursos espaciais, materiais, temporais e humanos); Módulo 3- Observação dos alunos; Módulo 4- Extensão e sequência de conteúdos; Módulo 5- Definição de objetivos; Módulo 6- Formato

da Avaliação; Módulo 7- Progressões de Ensino; Módulo 8- Aplicabilidade. De referir que para a sua preparação foi tido o cuidado de reunir documentos imprescindíveis para a sua concessão, designadamente, o calendário letivo escolar 2012/2013, os mapas de rotação dos espaços, o Programa Nacional de Educação de Educação Física e o Plano Anual das Atividades da Área Curricular de Educação Física.

4.1.1- Plano Anual

A planificação anual faz parte das obrigações do professor referenciadas por Matos (2012a). Este planeamento permite-nos situar temporalmente a prática pedagógica no que diz respeito à organização e estruturação do ano letivo. Neste documento é referido em termos gerais, a caracterização da turma, neste caso o 9º A, os alunos com Necessidades Educativas Especiais que usufruem de condições específicas de avaliação, os momentos em que acontecem os vários tipos de avaliação, a extensão dos conteúdos e a sua distribuição ao longo do ano, assim como a definição de objetivos. Bento (1987, p. 57) diz mesmo que a construção do Plano Anual é uma “... *necessidade objetiva*”, e que este é um plano de atuação ao longo do ano, e que não deve ser copiado mais uma vez. No entanto e segundo o mesmo autor, para um ensino eficiente deve haver “*reflexões estratégicas*” exigindo análise e balanço anteriores e momentos de reflexão durante todo o ano letivo.

O Plano Anual de turma é elaborado pelo professor, em função do Programa Nacional de Educação Física, que é um documento Ministerial. Este Plano visa sobretudo adequar as aprendizagens ao contexto de cada turma, estando em conformidade com o Projeto Educativo, Plano Anual de Atividades e Projeto Curricular de Agrupamento. Bento (1987, p. 58) define-o como: “*um plano exequível, didaticamente exato e rigoroso*”; “*que oriente para o essencial*”; “*elaborado com base nas indicações programáticas e em análises da situação da turma e na escola*”. O mesmo autor (2003), refere ainda, que para além do programa, se deve dar importância às condições materiais da escola e ter em consideração as reuniões e decisões do grupo de Educação

Física. Rink (1985) vai mais longe e incluiu os métodos de avaliação.

Também nós incluímos no referido documento, a avaliação diagnóstica/inicial, formativa e sumativa. Relativamente à avaliação inicial, esta foi realizada no início de cada unidade didática através de uma grelha elaborada por nós. A avaliação formativa foi realizada no decorrer das aulas, com o objetivo de aferir se os alunos atingiam ou não os objetivos propostos e se necessário efetuar o devido ajustamento na planificação das aulas da Unidade Didática. A avaliação sumativa, foi realizada no final da Unidade Didática através de uma grelha de avaliação idêntica à grelha de avaliação inicial, com o objetivo de verificar se houve evolução nas aprendizagens dos alunos, nos três domínios: cognitivo, socioafetivo e psicomotor.

Na planificação anual, sentimos como dificuldade, o desconhecimento dos alunos da turma. Ainda segundo Bento (2003), um dado importante a colocar no Plano Anual como informação fundamental, são os resultados obtidos no ano anterior, como pontos de partida para a planificação anual, o que não acontece. Como tal, em nossa opinião, seria importante criar uma ficha informativa de cada aluno que permitisse a articulação vertical do ensino e aprendizagem, como já acontece ao nível do Ensino Básico. Com estas informações, o professor poderia definir áreas de intervenção prioritárias e definir os níveis de partida para cada aluno, mas sem estas informações, o professor atribui mais ou menos tempo a determinados conteúdos, privilegia um ou outro método avaliação, opta por uma ou outra modalidade, isto tudo sem atender especificamente ao aluno, que deve ser o ator principal em todo o processo. Deste modo sempre questionámos a utilidade de um Plano Anual, pois o planeamento a longo prazo é quase sempre modificado e por vezes nem sempre se cumpre com o que está estipulado. Por exemplo, a rotação que é planificada em função dos espaços, nem sempre se cumpre.

O facto de termos planeado o ano letivo de forma rigorosa, permitiu-nos ter uma noção mais concreta do que se ia desenrolar ao longo do mesmo. A realização da caracterização da turma, permitiu-nos obter informações, conhecer melhor os alunos e desta forma estabelecer objetivos e estratégias adaptadas às necessidades de cada um.

4.1.2- Unidades Didáticas

Quando elaborámos o Plano Anual, procuramos respeitar o Projeto Curricular de Educação Física e o Plano Nacional de Educação Física, tendo-se realizado alterações pontuais na distribuição de modalidades, ainda que não fossem totalmente rígidas as suas escolhas. Houve uma situação de alteração em termos de distribuição de conteúdos, no módulo de Natação, que estava para ser lecionada no terceiro período e trocamos com Atletismo para o primeiro período. Esta decisão permitiu equilibrar a distribuição das aulas pelos espaços, pois o Atletismo acontecia num período de tempo instável, pelo que se optou mudar para o último período. Relativamente à distribuição das modalidades, respeitámos a sua distribuição pelo ano letivo.

A duração de cada modalidade também foi definida pelo departamento de Educação Física, onde existia a possibilidade de se aumentar ou diminuir o tempo dedicado a cada uma delas, desde que não houvesse interferência quer a nível de espaços, quer materiais e humanos. Relativamente à avaliação, como tínhamos referido no planeamento, realizámos no início de cada Unidade Temática, uma avaliação diagnóstica, no decorrer das aulas, a avaliação formativa e no final da Unidade Didática, a avaliação sumativa, com o objetivo de aferir as aprendizagens nos três domínios, descritas nos critérios de avaliação cognitivo, socioafetivo e psicomotor.

Analisando mais especificamente cada módulo, na análise da modalidade em cada Unidade Didática, realizamos uma breve referência à história da modalidade e às condições físicas e materiais para lecionar os conteúdos. As avaliações diagnósticas no início de cada modalidade foram uma realidade, para podermos aferir o nível em que se encontravam os alunos, para evitar a situação de avaliar um aluno apenas numa aula e correr o risco de uma má avaliação. Optamos ainda, por vezes, estender essa avaliação à aula seguinte. Relativamente à definição dos objetivos, estes foram delineados em função das avaliações diagnósticas. Erramos em algumas modalidades ao sermos muito ambiciosos na definição dos nossos objetivos, pois o número de aulas de que dispúnhamos era insuficiente para atingirmos esses objetivos, sendo necessário como diz Bento (1987, p. 27), ter

uma “*concentração no essencial*”, isto é, ajustar o conteúdo programático ao contexto pedagógico. No entanto, salientamos que com a ajuda dos orientadores fomos melhorando, quer na definição dos objetivos quer na escolha dos exercícios. Ao longo de cada Unidade Didática realizou-se uma avaliação formativa, no sentido de fazer ajustamentos às necessidades da turma em função dos objetivos definidos, avaliação esta que era materializada, com uma reunião intercalar em cada período (em conselho de Turma). No final de cada Unidade Didática realizou-se a avaliação sumativa onde se aferia os resultados alcançados em função dos objetivos definidos. Destes resultados era redigido um relatório, onde refletíamos sobre o nosso desempenho, as estratégias de ensino desenvolvidas, a opção por determinados exercícios, assim como as dificuldades sentidas no decorrer de cada Unidade.

Na elaboração das Unidades Didáticas, não sentimos dificuldades, no entanto, tivemos alguma dificuldade no estabelecimento e concretização de objetivos em função do Plano Nacional de Educação Física. Os objetivos delineados para o 9º ano estão claramente desfasados da realidade. A exigência do programa não acompanha a evolução dos alunos ao longo do ensino básico. Por exemplo, para o 9º ano na modalidade de Ginástica, o referido programa parte do nível avançado, mas muitos dos alunos encontravam-se no nível introdutório. Assim, os conteúdos programáticos foram distribuídos em função das dificuldades dos alunos na avaliação diagnóstica. No final de cada Unidade Didática foi realizada a avaliação sumativa, no sentido de percebermos se houve evolução dos alunos ou não, em função dos objetivos definidos inicialmente e os resultados obtidos.

4.1.3- Planos de aula

Quando planeámos as aulas escolhemos uns conteúdos em detrimento de outros, uns exercícios no lugar de outros. No final da aula, fazíamos a reflexão da mesma, assegurando-nos esta atitude, que o professor reflete sobre a sua ação, sobre o ensino e que tem um determinado objetivo. Esta reflexão levou-nos a que noutras aulas tivéssemos por diversas vezes de alterar as nossas estratégias de ensino, no decorrer das mesmas, pois por

vezes, não fomos felizes no esforço que enveredamos, no sentido de reduzir o tempo de espera e aumentar assim o tempo de empenhamento motor, na criação de situações para que os alunos executassem muitas vezes as habilidades motoras pretendidas, indo ao encontro do preconizado por Bento (2003) em que destaca a necessidade de se aumentar o número de repetições por aluno, isto é, valorizar a exercitação. Houve assim, em certas ocasiões, a necessidade de alterar estratégias, nomeadamente a nível dos estilos de ensino, da diferenciação e do feedback pedagógico, no sentido de melhorar as aulas. Bento (2003) refere que a boa preparação da aula está associada ao seu sucesso, sendo que uma planificação superficial leva a que o professor tenha de tomar decisões de ajustamento inesperadas durante a aula. Sentimos isso em algumas aulas, quando fomos demasiado ambiciosos na planificação e em que tivemos de ajustar os exercícios devido à sua complexidade, caso da Ginástica e do Andebol, em que o que estava previsto no plano de aula nem sempre tivesse sido respeitado de forma rígida, visto que, pela necessidade de adaptação às condições materiais, temporais e às dificuldades demonstradas pelos alunos foi necessário o devido ajustamento.

Após a devida reflexão reconhecemos o nosso erro e tivemos mais atenção na elaboração dos planos de aula seguintes, nomeadamente na escolha e organização dos exercícios.

4.2- Realização

4.2.1- Gestão do tempo de aula

Este domínio não depende apenas dos alunos de uma turma, mas sim de um conjunto de situações. Arends (1995, p.17), define gestão da aula como *“os modos pelos quais os professores organizam e estruturam as suas salas de aula, como os propósitos de maximizar a cooperação e envolvimento dos alunos e de diminuir o comportamento disruptivo”*. Na mesma linha de pensamento Good Brophy (1984, p. 200), refere que *“muitos problemas*

surtem quando os alunos estão amontoados, são forçados a esperar ou a ficar inativos, porque não têm nada que fazer ou não sabem o que fazer”.

Pensamos, que para que uma boa aula resulte, o professor deve ter em conta a reflexão exaustiva que acontece após as aulas e ao longo de todo o ano letivo. Esta reflexão que ocorria de forma educativa e construtiva ajudou-nos na construção da nossa própria identidade e conseqüentemente no nosso desempenho, nomeadamente em termos de organização de sala de aula, definição dos grupos de trabalho e na colocação de informação adicional sobre os exercícios pretendidos (por exemplo na ginástica, quando colocámos fotografias junto de cada estação). Por outro lado, a análise que os outros elementos do núcleo de estágio faziam às nossas aulas, a forma como as comentavam e analisavam, levaram a que melhorássemos aula após aula, levando-nos a descobrir as nossas fraquezas e a fazer mudanças que nos beneficiaram durante todo o processo de ensino/aprendizagem. Também o apoio dos orientadores, que sem nunca estabelecerem limites, não nos impondo quaisquer tipo de regras, e dando-nos espaço para uma aprendizagem e experiência através da prática pedagógica e observação do erro, levaram a que fossemos traçando um caminho para o sucesso de todos os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem. Os colegas de estágio com as suas opiniões, igualmente nos ajudaram a crescer enquanto professores e por fim as nossas próprias reflexões, que nos permitiram evoluir ao nível do desempenho e previsivelmente obter uma melhor abordagem das temáticas tendo em vista a eficácia do processo de ensino e respetivos resultados dos alunos.

Pelo facto de termos alguma experiência no ensino, não sentimos muitas dificuldades nesta dimensão didática.

4.2.2- Instrução

A instrução era iniciada com todos os alunos presentes no campo visual, atentos e com um tom de voz audível, utilizando a terminologia específica da modalidade, procurando sempre que esta transmissão de informação fosse breve, concisa e objetiva, para que os alunos estivessem em prática o máximo

de tempo possível e essa foi uma preocupação constante, para assim facilitar todo o processo de ensino/ aprendizagem. Assim eram descritos, os conteúdos a abordar no exercício, o enquadramento desses conteúdos, os objetivos dos exercícios e os critérios de êxito. Atendendo às características de alguns alunos da turma do 9º A, com deficit de atenção/concentração, a metodologia adotada consistia numa exposição breve dos objetivos da aula e dos seus conteúdos, num âmbito que propiciasse a interligação entre a aula anterior e a presente.

Em alguns momentos, recorreremos à modelação, com recurso a alunos de nível mais elevado de desempenho, para tornar o processo de instrução mais motivante e claro, principalmente para que os vinte e um alunos tivessem um complemento visual às informações orais dos exercícios propostos. Por exemplo, no Voleibol, atendendo ao elevado nível técnico de alguns alunos, recorreremos a esses alunos para a demonstração e na Ginástica recorreremos a meios gráficos. Em todas as aulas o feedback motivacional foi uma constante, encorajando os alunos a executarem da melhor forma.

4.2.3- Feedback

O feedback pedagógico corresponde a um conjunto de momentos que constituem o ciclo do feedback. Após dar feedback, o professor deve observar a prestação dos alunos e encerrar o ciclo, aprovando, reprovando ou reformulando novamente a prática. Desta forma, o investimento a realizar, deverá vir, de um maior conhecimento das matérias. Depois do professor dominar os conteúdos das diferentes matérias, deverão ser definidas as componentes críticas que se quer desenvolver com cada situação de aprendizagem e os possíveis feedbacks que poderão ser transmitidos em contexto de sala de aula.

Neste domínio não tivemos dificuldades em cumprir este ciclo, até pela nossa experiência e também pelo facto de querermos garantir um tempo elevado de prática. Rosado (1995) refere no entanto, que o feedback deve ser emitido logo a seguir à execução do exercício, para que este tenha condições de eficácia acrescida. Caso seja fornecido durante a execução, pode ajudar a

regular o movimento, mas a sua ação é menos durável. Foi o que nos aconteceu em alguns dos exercícios, em que deveríamos ter dado oportunidade e tempo aos alunos para se corrigirem e não o fizemos, no entanto, após a reflexão e a chamada de atenção por parte dos orientadores, passamos a intervir menos, melhorando bastante a nossa prestação. De facto, esta foi a competência à qual revelámos menor dificuldade ao longo de todo o processo de estágio pedagógico, ou seja, a transmissão de informação aos alunos como resposta à sua prestação motora.

Os feedbacks dados foram essencialmente avaliativos, prescritivos, descritivos e interrogativos, para os alunos perceberem se fizeram bem ou mal e o que poderão alterar e fazer para melhorar as suas ações. Os feedbacks interrogativos foram dados em menor quantidade, no entanto estes também foram importantes, pois possibilitam aos alunos que pensem sobre a sua prestação motora e reflitam se foi correta ou não a sua prestação e como poderão melhorá-la.

a) Clima/ Disciplina

Nesta dimensão, o facto de termos de intervir, por diversas vezes, com feedbacks negativos relacionados com comportamentos desviantes, dentro da tarefa ou fora dela, mas que não podíamos ignorar pela gravidade, levou a que por vezes se tivesse criado um clima de aula menos favorável e tivéssemos de recorrer ao extremo da punição. Várias vezes ao longo do ano tivemos de solicitar a alunos que saíssem da aula (com a respetiva participação), por estarem com comportamentos de indisciplina e estes foram encaminhados com trabalho para a biblioteca. Temos que salientar, que sempre procurámos promover nos alunos comportamentos ajustados, evitando deste modo as punições.

No decorrer das aulas, fomos tomando uma posição mais rígida chamando à atenção para as regras da boa educação, contudo, nesta turma, existiam alunos que não aceitavam muito bem as regras e daí termos recorrido à punição. Pensamos que em determinados momentos fomos demasiado

brandos e deveríamos ter sido mais rígidos e disciplinadores, o que conseqüentemente levou a que as aulas por vezes não decorressem como o esperado e perdêssemos tempo com diálogos educacionais, que afetaram a gestão da aula. Não queremos deixar de referir, que procurámos sempre que a turma tivesse uma participação ativa em toda a aula, motivando-os para a prática desportiva e por outro lado, sendo exigentes e dinâmicos nos exercícios propostos. Promovemos a interação e entreajuda entre todos, utilizando variadíssimas vezes, grupos homogêneos e heterogêneos, modificando assim constantemente os grupos de aula para aula, permitindo uma interação entre todos os intervenientes. Procurámos também manter com todos os alunos um diálogo amigo e responsabilizador, uma vez que é uma turma com muitos problemas sociais e temos como exemplo um aluno que está prestes a completar dezanove anos. Com este aluno, desmotivado para o processo de ensino/aprendizagem, tivemos sempre uma palavra amiga com o objetivo de o manter interessado nas nossas aulas, mas isso nem sempre foi conseguido.

4.2.4- Decisões de ajustamento

Quando fizemos o planeamento e definimos os objetivos propostos fizemos uma previsão dos resultados que esperávamos atingir, fazendo uma estimativa do tempo que julgávamos ser necessário para a aquisição de determinadas competências, porém, ao materializarmos todos os conceitos que havíamos definido, nem sempre o pudemos fazer de acordo com o que planificamos.

No início do ano, participamos na realização do Plano Anual de Atividades e quando elaboramos o Plano de Turma e as respetivas Unidades Didáticas, tínhamos consciência que todo este trabalho estava condicionado por uma série de fatores que influenciam o processo de Ensino/Aprendizagem, no entanto, estávamos preparados para responder adequadamente a essas condicionantes, ajustando a nossa forma de agir e a planificação a cada caso concreto.

Um bom planeamento ajuda claramente a antecipar situações inesperadas. Por exemplo, quando faltava algum aluno, tentávamos não

interferir na organização dos exercícios (num exercício de 5X5 se faltasse um aluno, um deles ficava a joker). Nas aulas de Ginástica também fizemos ajustes, quando planeávamos determinados exercícios e o tempo dedicado não era o mais adequado, atendendo às dificuldades dos alunos, tivemos de adequar o tempo à necessidade dos alunos e realizar mais progressões pedagógicas.

Relativamente à Unidade Didática de Voleibol, pelo facto de termos um grupo muito bom, levou-nos a ter de adaptar alguns exercícios e optar pela sua decomposição em exercícios mais simples, para os que tinham mais dificuldade, tentando assim fazer diferenciação pedagógica em termos de ensino/aprendizagem. Na Unidade Didática de Atletismo tivemos de trocar com Natação, atendendo às condições climatéricas no momento. Na Unidade de Futebol e de Basquetebol demos sempre preferência aos exercícios globais e à competição, para que houvesse mais motivação, assim estes dois conceitos tiveram de estar sempre na nossa planificação, de forma a aumentar a competição saudável entre pares. A competição mostrou ser uma boa estratégia no torneio Inter Turmas, pois foi um sucesso. Gostaríamos de salientar, que com o objetivo de criar nesta turma mais índices de responsabilidade, foram atribuídos cargos aos alunos durante as aulas, tais como árbitros, oficiais de mesa e capitães de equipa e a motivação foi naturalmente enorme.

5- Domínios da Avaliação

No final de cada aula realizávamos uma reflexão conjunta sobre os aspetos positivos e menos conseguidos acerca do nosso desempenho. Os conselhos/“críticas construtivas” dos nossos orientadores foram fundamentais para o nosso crescimento enquanto professores. Bento (1987, p.150) refere que *“Sem uma reflexão posterior acerca das aulas, sem uma avaliação crítica do próprio trabalho verifica-se imediatamente um retrocesso dos resultados em todos os aspetos do ensino: da aprendizagem, da docência, da sua planificação, preparação e realização”*. Foi o que fizemos, fazendo um balanço no final de cada aula em função de dois aspetos, a aula propriamente dita e a

atuação do professor. A partir desses dois aspetos, analisámos a aula de acordo com o que pretendíamos relativamente à metodologia dos exercícios e aos objetivos traçados, analisámos os índices motivacionais dos alunos na aula, os comportamentos fora da tarefa assumidos pelos mesmos e as razões para a sua ocorrência e ainda a eficácia de um determinado exercício ou estação.

Em relação à atuação do professor estagiário nas aulas lecionadas, observámos questões mais relacionadas com a transmissão do *feedback* pedagógico, com a movimentação pelo espaço de aula, com a relação entre professor e alunos, com o controlo da turma, com o clima de aula e com a capacidade de ajustamento às diversas situações ocorridas na aula. Assim, com esta análise crítica, procurámos melhorar ao longo do ano a nossa intervenção pedagógica, utilizando as inferências das reflexões observadas. Indo ao encontro do que defende Bento (1987, p. 162) esta reflexão posterior sobre a aula, *“afirma-se como condição decisiva para a qualificação da atividade do professor, e assim para uma maior eficácia do ensino”*.

Iniciamos cada Unidade Didática procurando diagnosticar o nível ou níveis de desempenho na turma, sendo que um diagnóstico errado fará com que os objetivos, os conteúdos e os métodos selecionados para o processo ensino/aprendizagem estejam errados, o que levará à perda de tempo na sua reformulação posterior ou, no pior dos cenários, ao total desajuste da transmissão de conteúdos aos alunos, impossibilitando a sua aprendizagem.

5.1- Avaliação Diagnóstica

Os dados foram obtidos através da observação direta de situações de prática e registados numa grelha criada especialmente para o efeito, para análise posterior, como já referimos anteriormente. Este tipo de avaliação tem como principais objetivos:

👉 **Identificar** as principais características do desempenho motor dos alunos (principais potencialidades, dificuldades e necessidades);

↳ **Medir** o nível de aptidão qualitativa dos alunos, no decorrer de tarefas que envolvem as habilidades motoras específicas da modalidade;

↳ **Comparar** os níveis de desempenho qualitativo existentes na turma;

↳ **Prever** possíveis obstáculos ao desenvolvimento do processo de ensino da turma ou de alguns alunos em particular;

↳ **Valorizar** a pertinência, adequação e viabilidade do programa;

↳ **Adequar** o plano de estratégias de ensino ao nível de desempenho da turma, tornando-o pertinente, adequado e diferenciado de acordo com os diferentes níveis de aptidão.

Assim, em termos gerais e pelo que pudemos observar, os alunos nas diversas Unidades Didáticas demonstraram pouca disponibilidade motora e intensidade em situação de jogo, assim como pouca motivação, nomeadamente o sexo feminino, o que revela que estamos perante uma turma muito heterogénea. Pudemos verificar que havia alunos no nível introdutório de aprendizagem, no nível elementar e poucos alunos no nível avançado. De salientar que há Unidades Didáticas, caso da Ginástica, que parte do nível avançado no 9º ano e que a maior parte da turma se encontrava no nível introdutório e elementar, pelo que tivemos de fazer os devidos ajustamentos.

5.2- Avaliação Formativa

Este tipo de avaliação acontece durante a fase de execução, isto é, no decurso das atividades de ensino/aprendizagem em que o professor vai analisando e registando a forma como está a decorrer a aprendizagem, com o objetivo de obter indicações que permitam manter ou alterar o planificado, no sentido de conseguir a máxima rentabilidade pedagógica. Este tipo de avaliação tem uma função de regulação, também chamada de Formativa (Bloom, 1971).

5.3- Avaliação Sumativa

Terminámos as Unidades Didáticas com a avaliação sumativa em que verificávamos a progressão dos alunos e o seu sucesso (e o nosso), em função dos objetivos estabelecidos inicialmente, procurando assim que este momento estivesse alinhado com o restante processo. No final de cada período os alunos realizaram a sua autoavaliação, pois segundo Nobre (2012) *“A autoavaliação é a avaliação das próprias atuações dos sujeitos, sendo um procedimento promotor da capacidade de valoração e de decisão do aluno e um elemento de melhoria da qualidade do processo educativo.”* A média da classificação das matérias abordadas, é relativa ao domínio psicomotor, nas atitudes e valores são considerados diferentes parâmetros, como: assiduidade, empenho e comportamento. Assim, a distribuição foi feita da seguinte forma: conhecimentos, capacidades e aptidões 65% e valores e atitudes 35%.

5.4- Elemento ético-profissional

“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor.” (Silva, Fachada & Nobre, 2012, p. 19). Nesta linha de pensamento, procurámos manter sempre uma atitude ético-profissional em todo o trabalho que desenvolvemos. Pautamos sempre a nossa vida, com base nos valores, no respeito, regras e educação, particularmente com todos aqueles que de alguma forma estiveram próximos de nós ao longo deste ano letivo. A componente ética é fundamental para a prática pedagógica, pois enquanto professores somos um modelo de transmissão de informação e de saberes para os alunos.

Ao longo do ano letivo pensamos ter tido sempre um comportamento ajustado à nossa prática, através de uma cooperação constante com toda a comunidade escolar, alunos, professores, direção, funcionários, orientadores de estágio e colegas do núcleo de estágio, privilegiando as relações de elevado sentido de ética e honestidade. Atendendo a várias situações que aconteceram

com a turma, devido a comportamentos desajustados no contexto escolar e extra-escolar, relacionados com outras disciplinas, procurámos sempre nas reuniões, contribuir com humildade, dando a nossa opinião com o objetivo de encontrar a melhor solução para os alunos em causa. Pretendemos manter os alunos motivados, transmitindo de forma clara os conhecimentos, ajudando-os assim no processo de ensino/aprendizagem. Procurámos criar uma boa imagem, ainda que de forma natural, pois não sabemos ser diferentes, atendendo que somos sempre, ou quase sempre, uma referência para toda a comunidade educativa.

Com todos os assistentes operacionais mantivemos uma atitude de respeito, de cordialidade e sobretudo profissional, tendo sempre uma palavra amiga para com todos. Aos Encarregados de Educação, mostrámos sempre a nossa disponibilidade para tratar de qualquer assunto que estivesse no âmbito do contexto escolar. Não podemos esquecer a ligação cordial que mantivemos com os Bombeiros, Junta de Freguesia e Câmara Municipal, quando realizámos as duas atividades, inseridas no âmbito do estágio, Mini triatlo e torneio de Futsal.

Apesar de estarmos à distância de hora e meia do local de estágio, fomos sempre pontuais e assíduos, tendo cumprido integralmente com todas as nossas obrigações.

6- Justificação das opções tomadas

Ao longo do ano escolar foram tomadas opções relativamente ao processo de ensino/aprendizagem. Deste modo, analisámos as Unidades Didáticas a abordar de acordo com a caracterização da turma que efetuamos e que mencionamos no Plano de Turma. As escolhas tomadas tiveram em conta as condições materiais oferecidas pela escola, o Programa Nacional de Educação Física, o Projeto Educativo, o Plano Anual de Atividades, assim como os espaços disponíveis e a respetiva rotação definida pelo grupo de Educação Física.

De entre as opções tomadas, referimos uma definida por nós e o orientador no sentido de lecionarmos duas modalidades na mesma aula, exemplo do Atletismo e Andebol. Esta escolha teve em conta a turma que tínhamos pela frente, indo de encontro às necessidades e expectativas dos alunos, motivando-os para as aulas de Educação Física. Outras opções que tivemos estiveram relacionadas com o que planeamos no princípio do ano, relativamente às modalidades coletivas, em que estas seriam abordadas de forma contextualizada, em situação de jogo, porém também poderiam ser exercitadas de forma analítica. Quanto aos alunos que não efetuavam aula, teriam como alternativa ter de fazer um pequeno teste relativamente à modalidade abordada, por outro lado participariam na aula de diversas formas, na colocação e levantamento dos materiais, na arbitragem e particularmente nas ajudas. Tivemos a preocupação de desenvolvermos o trabalho em função da progressão e evolução dos alunos. As Unidades Didáticas poderiam sofrer modificações e serem reformuladas, caso fosse necessário, em benefício dos alunos. Ao longo de todo o ano letivo, procurámos proporcionar tarefas aos alunos, ajustadas ao seu nível de desenvolvimento psicomotor, assegurando que o tempo dedicado à prática ia de encontro às suas necessidades de aprendizagem.

De referir que procurámos ir ao encontro do que foi definido pelo grupo de Educação Física, relativamente ao Plano Anual e à Unidades Didáticas, no entanto, por vezes tivemos de realizar alterações pontuais, pois tivemos necessidade de efetuar ajustamentos em função do nível de desempenho dos alunos, nomeadamente na distribuição de tarefas do simples para o complexo. Quando abordámos a Unidade Didática de Ginástica, definimos a organização por estações. Após verificarmos que havia uma grande dispersão por parte dos alunos e muita brincadeira, alteramos a organização recorrendo a outra estratégia e organizamos a aula por vagas, pois esta turma necessita de um acompanhamento mais próximo, que por estações não o permite. Atendendo à maior parte da turma revelar índices baixos de prestação motora, recorreremos muitas das vezes ao estilo de ensino recíproco, no sentido de haver uma entre ajuda na Ginástica, prevista no Programa Nacional, entre alunos, desenvolvendo assim uma melhoria na prestação motora e por outro lado uma maior segurança. Recorreremos também ao estilo de ensino por tarefa, uma vez

que trabalhámos algumas vezes em grupos de nível, com objetivos operacionais diferenciados, consoante o nível em que trabalhavam. Este estilo requer alguma autonomia e responsabilidade por parte dos alunos, pois realizam os exercícios sem o controlo permanente do professor, no entanto, não resultou nesta turma, pois sentimos que perdíamos totalmente o seu controlo, pelo que optamos pelo estilo de ensino por comando, controlando desta forma toda a turma.

Ao longo da nossa experiência profissional aprendemos que uma instrução quando acompanhada por uma boa demonstração é bastante eficaz para que os alunos obtenham uma retenção mental do que se pretende. Por outro lado quando o professor demonstra, revela que sabe fazer, evidenciando profissionalismo e além disso os alunos retêm a imagem de confiança no que o professor está a fazer, foi o que aconteceu na Unidade Didática de Natação, em que fomos quase sempre exemplificar dentro de água. O mesmo aconteceu na modalidade de Futebol em também nos sentimos muito à vontade com o que pretendíamos dos alunos.

Nas aulas recorremos à modelação, isto é, utilizávamos os alunos que apresentavam grande disponibilidade motora como agentes de ensino, contudo, nós é que salientávamos os aspetos importantes e caso não fizessem de acordo com os critérios, imediatamente corrigíamos para que a turma percebesse melhor o que se pretendia.

7- Conhecimentos adquiridos

Concluído o estágio pedagógico, rico em aprendizagem e trocas de experiências, muitos foram os saberes adquiridos. Apesar da nossa experiência, o espírito foi sempre de abertura a novas práticas e naturalmente a novos conhecimentos. Não podemos deixar de referir que em todo o processo, os professores da Faculdade, o orientador da Escola Secundária, professor João Moreira, o professor da Faculdade, Mestre Miguel Fachada, os colegas de curso, os colegas estagiários e os restantes membros da comunidade escolar, foram todos dentro de cada contexto, importantíssimos para o nosso enriquecimento.

As expectativas criadas desde o início foram ultrapassadas, no entanto, sentimos algumas dificuldades, nomeadamente no controlo da turma. Quando iniciámos o estágio e ao termos conhecimento de que iríamos ter uma turma bastante difícil, em termos comportamentais, procurámos não ser demasiado rígidos, o que levou a que em algumas aulas o clima não fosse o melhor, porém com as indicações dos orientadores, melhorámos substancialmente, apostando numa postura mais rígida e intransigente. Por outro lado, aprendemos a ser mais reflexivos e autocríticos, como diz Bento (1987, p.150) “... *sem um trabalho de reflexão...nenhum professor consegue garantir a eficácia e a melhoria da sua prática pessoal*”.

O domínio da educação e do ensino é um domínio relacional por excelência, se por um lado, o ato de ensinar é guiado por regras e valores que apontam para o exemplo do professor como pessoa, por outro, lado encontramos o aluno, ávido de aprendizagem. Neste sentido, aprendemos a criar situações propícias de igualdade, de enriquecimento cultural, físico e cognitivo, desenvolvendo a autonomia dos alunos, procurando o seu bem estar e inclusão na sociedade e cumprindo com todas as exigências éticas e deontológicas que lhe estão associadas.

Algumas situações de aprendizagem imprevistas que surgiram no decorrer deste ano fizeram com que tivéssemos de utilizar a nossa capacidade em nos adaptar e recorrer à nossa experiência, estando bem documentados e fundamentados.

Em relação à elaboração dos diferentes documentos de apoio, planos de aula, unidades didáticas e caracterização da turma, estes revelaram-se de extrema importância, pois aprendemos a ser mais objetivos e claros na sua preparação.

Atendendo ao que foi sugerido pelos orientadores, numa das nossas reflexões, que deveríamos dar um pouco mais de tempo aos alunos após um feedback prescritivo para pensarem e executarem o exercício, constatámos que a forma de comunicar foi também um dos pontos importantes deste Estágio. Da análise que fazemos, a seleção e transmissão da informação mais importante, para o aluno realizar uma tarefa de forma correta e motivada, objetiva e eficaz, foi um dos nossos maiores ganhos. O facto de recorrermos a um uso variado de feedbacks e à sua pertinente utilização na altura certa,

facilitou a nossa intervenção, revelando-se preponderante para garantir uma rápida aprendizagem por parte dos alunos. Por outro lado, a nossa deslocação pelo espaço de aula, contribuiu muito para a utilização constante de feedbacks, pois garantiu-nos uma grande proximidade e uma visão privilegiada sobre toda a turma, intervindo assim sempre que necessário.

Segundo Roldão (1999), assegurar que todos aprendam mais e melhor, passa pela capacidade de diversificar e adaptar o ensino aos alunos, tendo por base o direito que lhes assiste de aprender aquilo de que irão necessitar ao longo da vida, incluindo os meios que os ajudem na sua auto formação com vista aos seus percursos futuros. Foi o que procuramos assegurar com o decorrer das aulas e com a abordagem de cada matéria, pois fomos nos apercebendo da necessidade da turma em termos de soluções de aprendizagem devido à sua heterogeneidade. Verificámos que a melhor solução seria utilizar um feedback de qualidade e por outro lado, teríamos de adequar a nossa intervenção pedagógica aos diferentes níveis de aprendizagem, através da diferenciação pedagógica, adequando os diferentes objetivos para os diferentes níveis de ensino, isto é, fazer uma planificação diferente, aplicando exercícios diferentes no decorrer das aulas.

Para Perrenoud (1997), diferenciar passa por um novo papel da pedagogia do professor: *“Romper com a pedagogia magistral - a mesma lição, os mesmos exercícios para todos ao mesmo tempo - e pôr em funcionamento uma organização de trabalho que integre dispositivos didáticos de forma a colocar cada aluno perante a situação mais favorável”*. Também Niza (2000), defende que o professor tem de partir para uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação entre professor e alunos e destes entre si. Foi o que fizemos e consideramos assim que esta atividade como professor estagiário foi extremamente motivadora e rica, nomeadamente nos ensinamentos que pudemos retirar da formação académica ao longo deste ano letivo e no que colocámos em prática a favor dos alunos.

8- Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Quando iniciámos este Mestrado, apesar da nossa experiência profissional, tínhamos conhecimento da importância deste Estágio Pedagógico, pelo que nos comprometemos de uma forma clara e responsável no cumprimento das normas que regem todo o processo de Ensino/Aprendizagem. Assim, procurámos sempre criar situações de aprendizagem, recorrendo à diferenciação e ao feedback motivacional, pretendendo sermos flexíveis e tendo em atenção a particularidade dos alunos, contribuindo para o sucesso de cada um. Foram várias as vezes em que nos questionámos se estaríamos a corresponder às expectativas de quem esperava que as desempenhássemos corretamente, mas também às nossas. Atendendo ao profissionalismo por nós colocado em cada situação, ansiámos realizar um bom trabalho, no entanto, tínhamos medo de falhar, mas em cada aula que passava essa ansiedade era posta de parte.

Naturalmente que o planificar bem, associado a uma boa fundamentação em termos de conteúdos, ao estudo aprofundado e constante das matérias, para podermos transmitir da melhor forma os conteúdos aos alunos, as conversas com os nossos colegas estagiários, com o professor orientador da escola e da Faculdade e com os outros docentes de Educação Física, foram também aspetos importantes para o decorrer do processo de ensino/aprendizagem.

Como já referimos anteriormente, foi definido pelo grupo de Educação Física que a avaliação diagnóstica seria no início de cada Unidade Didática, portanto realizada na primeira aula. Posto isto, definimos objetivos e estratégias, em função do que observámos, adequando esses mesmos objetivos ao contexto de cada aluno. Algumas das vezes tivemos de adaptar e alterar as tarefas planeadas, pois tal como diz Bento (1987, p. 128) *“quando no decorrer da aula o professor se apercebe que aos alunos faltam pressupostos estabelecidos, deve ser abandonada a linha previamente traçada”*.

Procuramos ainda para melhorar o processo de ensino/aprendizagem utilizar um feedback adequado e pertinente e utilizar a diferenciação pedagógica como estratégia de ensino. Esta estratégia de ensino, aplica-se por

exemplo, na parte da instrução dos exercícios separadamente para cada grupo e na parte fundamental da aula com o estabelecimento de grupos de nível.

Segundo Morgado (1999, p. 10) *“A organização de processos educativos com sucesso passa pela construção de relações pedagógicas eficazes, não exclusivas, que contemplem as diferenças individuais e contextuais, refletindo e potenciando diferenças nas competências, nos valores, nas experiências e nos interesses e necessidades de todos os elementos das comunidades educativas”*.

Pelo facto de termos de adaptar alguns exercícios tivemos sempre o cuidado dos alunos não se sentirem discriminados, motivando-os sempre no sentido de melhorarem, estimulando-os e criando um desejo de serem cada vez melhores, independentemente dos colegas.

Em relação à nossa prestação, procurámos ir ao encontro do citado por Filho et al. (2009), quando refere que *“o professor é um facilitador e orientador das actividades e é responsável por estimular uma participação maior e mais consciente dos alunos”*, assim recorreremos a estratégias motivacionais, especialmente na escolha dos exercícios e sobretudo na criação de situações de jogo.

9- Dificuldades sentidas

Não podemos deixar de referir a exigência que hoje se coloca a cada professor e que apesar de termos alguma experiência, muitas foram as dificuldades sentidas ao longo do ano letivo. No entanto, a nossa dedicação, disponibilidade, abertura e vontade em aprender mais, fez com que essas dificuldades, apesar de presentes fossem ultrapassadas. Naturalmente que contamos com a ajuda direta e indireta de todos os intervenientes neste processo de ensino/aprendizagem. Por outro lado, o sermos exigentes connosco e com os nossos alunos, refletirmos sobre todas as situações agradáveis e desagradáveis, também facilitou todo o processo.

Relativamente ao nosso desempenho, revelamos dificuldades na definição de objetivos na primeira Unidade Didática (Basquetebol) que

leccionámos, pois estes não estavam de acordo com o nível psicomotor dos alunos, pelo que depois de uma reflexão com o orientador tivemos de fazer o devido ajustamento.

Na Unidade Didática de Natação, também aqui mais uma vez fomos muito ambiciosos, pelo que foi necessário fazer novamente o devido ajustamento, com exercícios menos complexos. Um dos grandes problemas que sentimos prendeu-se com o controlo da turma. Como já referimos anteriormente, sendo uma turma bastante problemática e não querendo sermos demasiado rígidos logo de início, tentamos resolver as situações pela via do diálogo, o que não resultou e fez com que por vezes tivéssemos perdido o controlo da turma, levando a comportamentos desviantes dentro e fora da tarefa. As manifestações de afetividade que tivemos com os nossos alunos, no decorrer do processo de ensino/aprendizagem representaram um papel decisivo no clima da aula e logicamente, na motivação, na confiança, na concentração e demais aspetos que regulam a predisposição do aluno para aprender. Assim, o professor deverá fazer uso do encorajamento, de forma a promover o êxito, para criar condições afetivas que facilitem o processo de aprendizagem, o que nem sempre foi fácil nesta turma. Durante as aulas, recorreremos por vezes, a um número elevado de feedbacks negativos, relacionados com comportamentos desviantes e isto poderá ter criado um clima menos favorável.

Quando nas nossas reflexões os orientadores nos fizeram sentir que deveríamos ter um pulso mais forte, adotámos essa postura e as situações resolveram-se em parte. Por várias vezes tivemos de colocar alunos fora da aula pois estavam a ter comportamentos inadequados e ao longo do ano houve quatro alunos que mantiveram sempre um comportamento desafiante, pelo que tivemos de agir sempre que necessário e quando se justificou, disciplinarmente, fazendo a referida participação ao Diretor de Turma e posteriormente ao Encarregado de Educação. Gostaríamos de destacar um dos alunos, que tem dezanove anos e que está completamente desmotivado e desenquadrado para o processo de ensino/aprendizagem. Este aluno, no final do segundo período teve oito negativas e perante esta situação, naturalmente que não o abandonámos, pelo contrário, procurámos em todas as aulas manter sempre uma palavra amiga, sincera e encorajadora, no entanto não foi fácil.

Utilizar um diálogo constante, um feedback motivacional acrescido e recorrer à diferenciação pedagógica, foi uma forma de manter a proximidade entre professor alunos e alunos/alunos e de ultrapassar muitas das vezes os conflitos entre pares, o que levou a que o grau de insatisfação e desmotivação, praticamente na maior parte da turma, diminuísse e o ano tivesse terminado da melhor forma.

10- Tema/Problema

Motivação e Abandono do Desporto Escolar

10.1- Fundamentação Teórica

O Desporto Escolar é um importante meio educativo e formativo das crianças e jovens em idade escolar. No programa do Desporto Escolar 2013/2017, podemos verificar a defesa no acesso à prática desportiva regular de qualidade, sustentando o mesmo programa, que a atividade desportiva desenvolvida, ao nível do Desporto Escolar põe em jogo *“potencialidades físicas e psicológicas, que contribuem para o desenvolvimento global dos jovens, sendo um espaço privilegiado para fomentar hábitos saudáveis, competências sociais e valores morais,”* de entre os quais se destacam: “Responsabilidade; Espírito de Equipa; Disciplina; Tolerância; Perseverança; Humanismo; Verdade; Respeito; Solidariedade; Dedicção; Coragem...” Contribuindo assim para a promoção do sucesso escolar dos alunos, dos estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa. Também o Conselho Nacional das Associações de Profissionais de Educação Física (Cadima, 1991), confere ao Desporto Escolar uma importância fundamental, como atividade educativa de extensão e de complemento da Educação Física, prolongando os seus efeitos educativos aos jovens em idade escolar.

Parece-nos assim que a opção do Ministério da Educação é clara em assumir a Educação Física e o Desporto Escolar como meio educativo

privilegiado para desenvolver pessoal e socialmente cada aluno. No entanto, como diz Bento (1991), é importante entender a Educação Física e o Desporto Escolar como realidades diferentes e finalidades próprias, apesar de coexistentes.

O Desporto Escolar apresenta bastantes aspetos positivos para os alunos, pois promove o gosto pela modalidade em causa, a promoção de hábitos de prática de atividade física, que contribui para a saúde, a socialização com outros alunos e conhecimento de outras escolas e por outro lado, o aumento da auto-estima e auto-superação, a aquisição de regras, constituindo aspetos que contribuem para a vida em sociedade. O Agrupamento de Escolas da Lousã, no ano de 2014/2015 tem duzentos e sessenta e três alunos inscritos no Desporto Escolar, distribuídos pelas seguintes modalidades, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Futsal, Natação, Ténis de Mesa, Voleibol e Xadrez. De salientar que a turma do 9º A, como referimos no Plano de Turma tem dezassete alunos que nunca participaram no Desporto Escolar, dois alunos participaram durante algum tempo e dois estão inscritos. Apesar da nossa insistência para a participação, o nosso esforço nunca foi tido em consideração, o que seria de todo o interesse, pois como referem Mateus et al. (1995) citados por Santos (2009), *“o treino e a competição ajudam a desenvolver responsabilidades, em aceitar os outros e a si próprio”*.

10.2- Justificação do tema problema

Os estudantes apresentam por vezes alterações no seu comportamento e conseqüentemente nos seus desempenhos a nível da prática desportiva. As alterações são, por vezes, o resultado da falta de motivação por parte dos estudantes, atendendo que se deparam com variados problemas.

A opção deste tema tem a ver com o facto de termos realizado o trabalho de assessoria ao cargo de coordenador de Desporto Escolar, e num dos momentos que completávamos as inscrições na base de dados, verificávamos que alguns alunos não se encontravam inscritos.

Após trocarmos algumas impressões com o coordenador do Desporto Escolar, lançámos a hipótese, no sentido de tentarmos perceber a razão pela

qual alguns alunos tinham abandonado a prática do Desporto Escolar e por outro lado tentar compreender a motivação que os levava a continuar a participar.

Apesar dos vários professores reconhecerem a importância do Desporto Escolar, poucos se questionaram sobre este tema, assim a escolha desta temática para a nossa reflexão, relaciona-se com o interesse em explorar as motivações que levam os alunos a participar no Desporto Escolar e as razões que levam ao seu abandono.

10.3- Questão de Partida

Ao definirmos a questão de partida, através da nossa experiência educativa, do nosso ponto de vista, notamos que nem todos os alunos, passaram pela experiência de participar na atividade de complemento curricular do Desporto Escolar, conforme o é também referido por Marques (2004), quando manifesta a sua preocupação sobre a diminuição de crianças e jovens em actividades motoras. No entanto e como já referimos anteriormente, não podemos deixar de referir Mateev (1975) quando enaltecia que a Educação Física e o Desporto Escolar eram de extrema importância, pois criavam hábitos indispensáveis e fundamentais que persistiriam por toda a vida. Procurámos assim enunciar este estudo a partir da questão que expressa o mais aproximadamente possível o que se pretendia saber e compreender melhor, por um lado a motivação dos alunos para a prática desportiva e por outro a razão para o seu abandono.

Assim definimos os seguintes objetivos.

10.4- Objetivos

10.4.1- Objetivo Geral

O nosso trabalho tem como objetivos principais, por um lado, assinalar os fatores de motivação dos participantes no Desporto Escolar e, por outro,

detetar e compreender os fatores que levaram ao abandono dos participantes.

10.4.2- Objetivos Específicos

Para poder atingir o objetivo geral, devemos obter uma série de objetivos específicos que esperamos poder alcançar com este estudo:

- Explorar e analisar as diferenças entre as categorias género e nível de ensino;
- Conhecer se existem diferenças significativas nos resultados encontrados entre géneros que fazem parte da nossa amostra.

10.5- Metodologia

Para complementar os objetivos do nosso estudo, o procedimento para a recolha de dados que é um aspeto fundamental, decorreu nas duas últimas semanas do mês de março de 2015. Em primeiro lugar falamos com o professor coordenador do Desporto Escolar sobre a intenção da realização do nosso trabalho, seguidamente transmitimos o nosso objetivo ao orientador de Estágio da Escola Secundária, professor João Moreira e posteriormente falamos com o professor orientador da FCDEF, Mestre Miguel Fachada, colocando-o a par da nossa intenção em realizar este trabalho.

Atendendo a que este tipo de trabalho requer autorização superior, contactámos a Direção da Escola solicitando a devida autorização. De seguida foram contactados todos os professores que estão ligados diretamente ao Desporto Escolar, no sentido de lhes solicitar apoio na realização do referido trabalho, isto é, na aplicação dos questionários, relativos à motivação para o Desporto Escolar. Atendendo a que havia alunos no Agrupamento que já não se encontravam inscritos no Desporto Escolar, foi necessário falar com os professores de Educação Física das turmas onde se encontravam esses alunos, no sentido de aplicarem os questionários das razões para o seu abandono.

Posteriormente foi solicitada autorização por escrito aos Encarregados de Educação, para a aplicação dos respetivos questionários. Uma vez obtida a autorização, informamos os alunos aquando da aplicação dos questionários, que a participação era voluntária e os dados seriam tratados confidencialmente. Previamente, esclarecemos todos os professores relativamente aos respetivos questionários, para que não houvesse qualquer dúvida que pudesse surgir no seu preenchimento. Desta forma, os questionários foram preenchidos antes do início de cada aula e tiveram a duração de preenchimento aproximadamente entre 10 e 20 minutos.

10.6- Seleção da amostra

A nossa amostra foi selecionada a partir da lista dos elementos inscritos no programa de Desporto Escolar do Agrupamento de Escolas em qualquer um dos anos letivos desde 2012. Este processo foi feito com base nos registos existentes e obtidos junto da coordenação do Desporto Escolar. Deste conjunto foi criado um subgrupo de 263 atuais participantes e um outro subgrupo formado por 45 ex-participantes, sem inscrição no presente ano letivo de 2014/2015. A cada um dos subgrupos foi aplicado um instrumento diferente conforme descrevemos a seguir.

10.7- Instrumentos

Foram administrados aos participantes neste estudo dois Questionários; um Questionário para praticantes de desporto escolar e um Questionário para ex-praticantes. Para este último subgrupo foi aplicado o Questionário sobre a medida do nível das **razões para o Abandono da Prática do Desporto Escolar** (QRAPDE). Este instrumento foi especialmente desenvolvido por Matos e Cruz (1997). Segundo os autores este questionário foi inspirado nos instrumentos utilizados por Gill *et al.* (1981), Cruz *et al.* (1988, 1995) citados por Matos e Cruz (1997). Após a saturação dos itens nos fatores principais foram extraídos sete Dimensões, dos quais damos um exemplo para cada

dimensão. Dimensão **1- Tempo**, “Não tinha tempo disponível”; **2- Divertimento clima e ambiente**; “As vitórias eram a única coisa que me interessava”; **3- Capacidades individuais**; “Não tinha jeito nem capacidades técnicas”; **4- Orientação Desportiva**; “Interessei-me por outra modalidade”; **5- Treinador**; “Não gostava dos métodos do treinador”; **6- Condicionantes familiares e sociais**; “Tive mau rendimento escolar e fui castigado”; **7- Indicadores de treino e competição**; “Não me davam oportunidade para jogar”.

Cada inquirido devia completar a seguinte frase: “*Eu não pratico Desporto escolar porque...*”, assinalando depois a sua opção em relação a cada um daqueles 36 itens de acordo com uma escala tipo Likert de 1 a 5 graus de importância (em que 1 significava “nada importante” com o que se expunha no item e 5 quando “totalmente importante”).

Relativamente ao “**Questionário da Motivação para a participação Desportiva**” (QMPD), trata-se de uma versão portuguesa e adaptada por Cruz e colaboradores (1986; Cruz & Viana, 1989; Cruz et al., 1989) com base num instrumento desenvolvido por Gill e colaboradores (1983). O QMPD inclui 30 possíveis razões para a prática desportiva, avaliados numa escala tipo Likert decrescente de pontos, variando de 1 = discordo plenamente até 5 = concordo plenamente.

O QMAD, adaptado de Serpa e Frias (SERPA, 1990; 1992), manteve as intenções e quantidade dos itens originais propostos por Gill et al. (1983). O questionário é composto por 30 (trinta) itens que, devidamente agrupados, identificam oito tipos de motivação para a prática desportiva, de acordo com Fonseca (1999) dos quais damos um exemplo para cada Dimensão. Dimensão: **1- Status** – “Gosto de vencer”; **2- Afiliação Específica/Equipa**; “Trabalho em equipa”; **3- Forma Física**; “Quero manter-me em forma”; **4- Emoções**; “Quero descarregar energias”; **5- Competência técnica**; “Aprender novas competências”; **6- Afiliação geral / Amizade**; “Estar com os amigos”; **7- Prazer/ocupação de tempos livres**; “Gosto de me divertir”; **8- Competição**; “Gosto de competir”.

10.8- Procedimentos estatísticos

A componente descritiva da análise foi: para as variáveis do tipo categorial, foi descrito as frequências absolutas e relativas, expressas sob a forma de percentagem, e para as variáveis de natureza contínua foi calculada a média, desvio padrão, valor mínimo e máximo.

A componente inferencial da análise foi feita a partir das seguintes variáveis. Motivos para a prática de desporto e motivos para o abandono do desporto escolar, foram ainda descritos entre alunos do género masculino e feminino, e entre alunos do 2º ciclo, 3º ciclo e Ensino Secundário.

10.8.1- Hipóteses estatísticas

Formulado o problema foram realizadas comparações estatísticas relativamente aos motivos para a prática de desporto e motivos para o abandono do desporto escolar entre género e ciclos de escolaridade.

Assumiram-se as seguintes hipóteses estatísticas para as comparações realizadas no que respeita aos motivos para a prática de desporto:

Hipótese 1: Existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do género Masculino e Feminino relativamente aos motivos para a prática de desporto.

Hipótese 2: Existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do 2º Ciclo, 3º Ciclo e o Secundário relativamente aos motivos para a prática de desporto.

Hipótese 3: Existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do 2º Ciclo, 3º Ciclo e o Secundário relativamente aos motivos para o Abandono da prática de desporto.

Para a primeira hipótese estatística foram realizadas comparações dos valores médios das várias dimensões entre indivíduos do sexo masculino e indivíduos do sexo feminino, tendo sido utilizado o teste t para amostras independentes.

Para a segunda hipótese estatística foram realizadas comparações dos valores médios das várias dimensões entre indivíduos do 2º ciclo, 3º ciclo e Ensino Secundário, tendo sido utilizado o teste estatístico de análise de variância Anova. Para a terceira hipótese foram apenas realizadas análises descritivas. Todas as comparações estatísticas foram realizadas assumindo um nível de significância de 5%. Assim, todos os valores inferiores a 0.05 (5%) foram considerados estatisticamente significativos, assumindo diferenças nos valores médios observados entre os grupos em estudo. Foi ainda utilizado o teste post hoc e de Tukey para verificar diferenças entre grupos.

A análise estatística foi realizada com recurso ao software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 19.0.

11- Resultados

11.1- Resultados: caracterização da Amostra dos praticantes

Foram recolhidos 245 questionários válidos, 133, correspondentes a 54.3% aplicados a indivíduos do sexo masculino e 112, 46% a indivíduos do sexo feminino. A idade média dos participantes neste estudo foi de 13.6 ± 2.4 anos, tendo este questionário sido aplicado a indivíduos com idade entre os 10 e 21 anos.

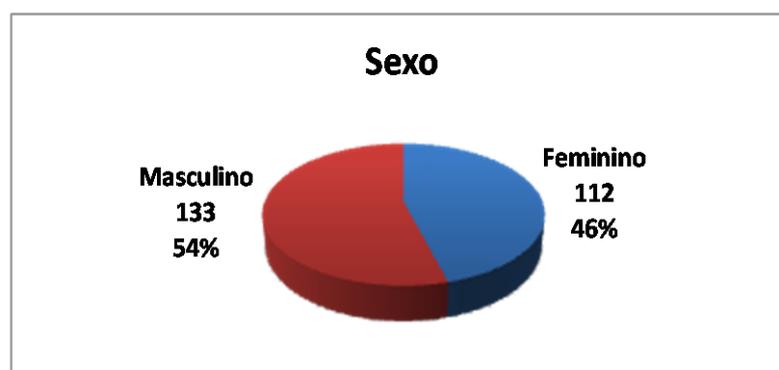


Figura 1 – Sexo

Os participantes deste estudo pertencem ao 2º e 3º Ciclo e Secundário.

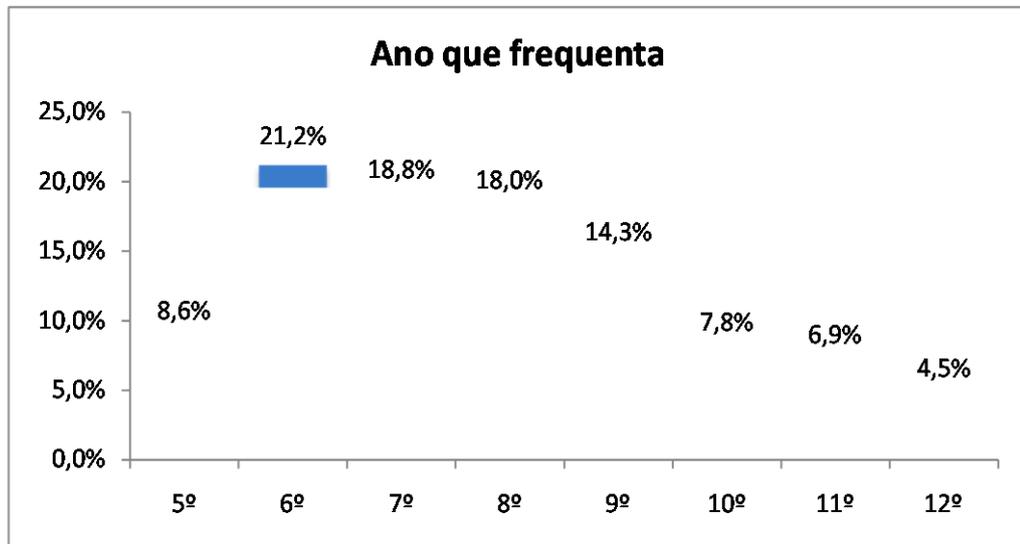


Figura 2 – Ano que frequenta

Existe uma elevada dispersão nas modalidades praticadas, no entanto, a prática da natação e do xadrez são as menos referidas.

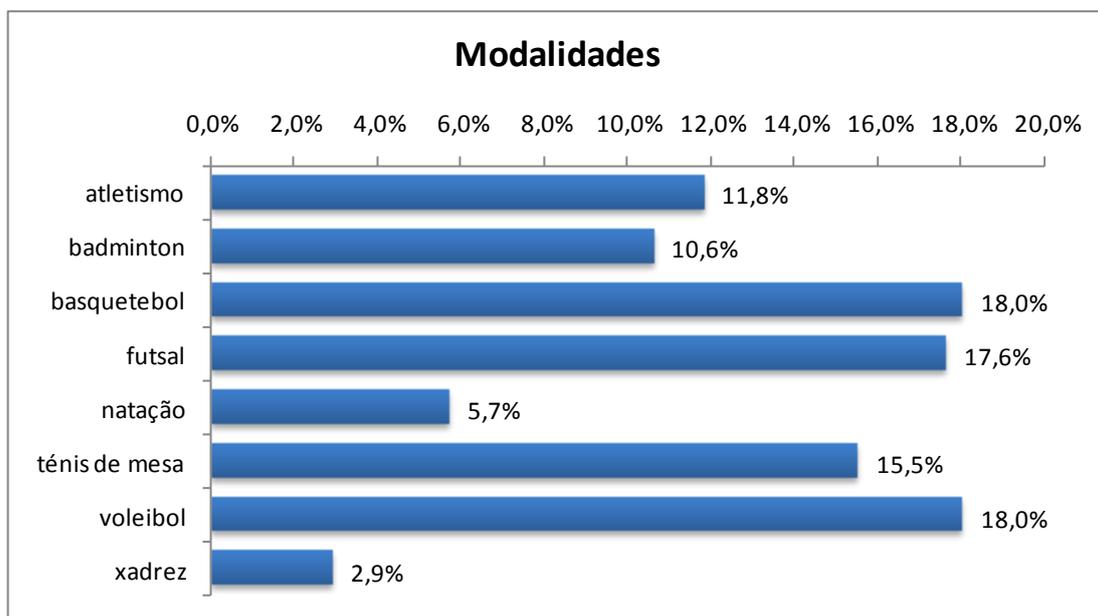


Figura 3 – Modalidades praticadas

Mais de um terço dos participantes neste estudo (27.1%) pertencem ao escalão Infantil B. Os restantes participantes encontram-se repartidos entre Infantil A (18.4%), Juvenil (14.3%), Júnior (7.8%) e Iniciados (25,2%).

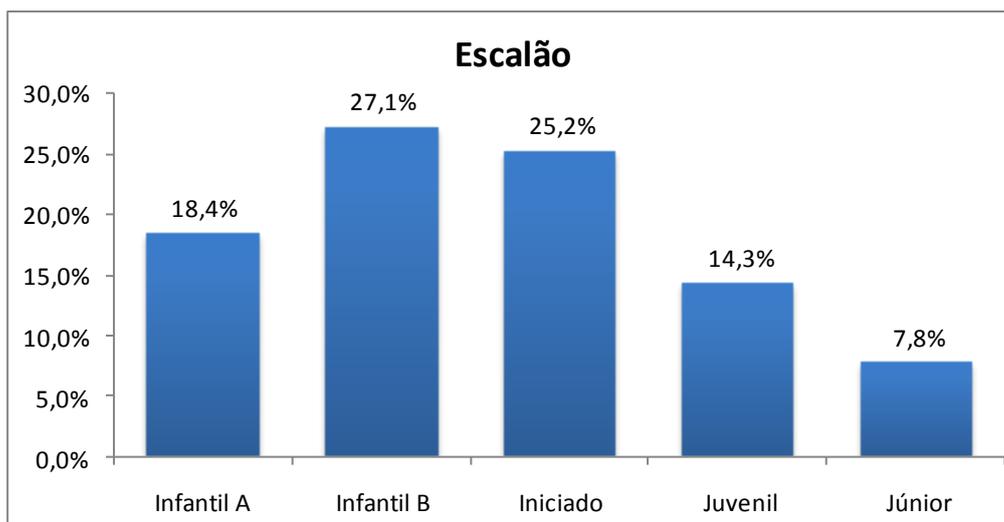


Figura 4 – Escalão

11.2- Resultados: motivos para a prática de desporto

As três principais razões que motivam os participantes neste estudo a praticar algum desporto é o facto de aprenderem novas técnicas, gostarem de trabalhar em equipa e gostarem de fazer parte de uma equipa.

	N	Média	DP
10- Quero aprender novas técnicas	245	4.75	0.478
8- Gosto de trabalhar em equipa	245	4.73	0.521
22- Gosto de fazer parte de uma equipa	245	4.69	0.634
24- Quero ser fisicamente saudável	245	4.65	0.613
15- Gosto de fazer exercício físico	245	4.61	0.628
27- Gosto dos treinadores	245	4.61	0.696
29- Gosto de me divertir	245	4.61	0.544
23- Quero continuar a melhorar o meu nível desportivo	245	4.59	0.711
1- Quero melhorar as minhas capacidades técnicas	245	4.55	0.749
20- Gosto de competir	245	4.52	0.828
7- Gosto da excitação que a modalidade me oferece	245	4.50	0.843
11- Gosto de fazer novos amigos	245	4.48	0.675
18- Gosto do espírito de equipa	245	4.48	0.823
26- Gosto do desafio que a competição me dá	245	4.47	0.744
12- Gosto de fazer alguma coisa em que seja bom	245	4.44	0.840

6- Quero manter-me em forma	245	4.42	0.953
17- Gosto de ação	245	4.40	0.697
16- Gosto de ter alguma coisa para fazer	245	4.29	0.875
3- Gosto de vencer	245	4.22	0.924
2- Quero estar com os meus amigos	245	4.09	1.035
28- Quero que os outros me vejam como um bom atleta	245	4.08	1.097
4- Quero descarregar energias	245	3.94	0.998
19- Gosto de estar fora de casa	245	3.87	1.146
14- Gosto das recompensas que o desporto me dá	245	3.78	1.534
5- Gosto de viajar	245	3.73	1.018
21- Gosto de me sentir importante	245	3.53	1.522
13- Quero acalmar a minha tensão	245	3.36	1.192
25- Quero ser popular	245	3.11	1.625
30- Gosto de usar equipamentos desportivos	244	2.98	1.259
9- Os pais ou melhores amigos querem que eu jogue	245	2.06	1.277

Tabela 1 – Motivos para a prática de desporto

Estes itens agrupam-se em 8 dimensões: Competição, Forma física, Competência técnica, Afiliação geral, Prazer, Afiliação específica / Equipa, Status e Emoções.

Relativamente às dimensões associadas às razões para a prática do desporto, verificou-se que a mais importante era a dimensão da competição, seguida da forma física e da competência técnica. Num segundo patamar de importância surge a dimensão da afiliação geral, seguida do prazer associada à prática do desporto e da afiliação específica ou associada à equipa. As dimensões menos valorizadas por quem pratica algum desporto são a questão da Dimensão status e emocional.

	N	Média	DP
Competição	245	4.51	0.827
Forma física	245	4.47	0.444
Competência técnica	245	4.47	0.605
Afiliação geral	245	4.39	0.552
Prazer	245	4.03	0.610
Afiliação específica / Equipa	245	3.99	0.420

Status	245	3.84	0.686
Emoções	245	3.72	0.769

Tabela 2 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto

Quando analisado os resultados das dimensões associadas à prática do desporto por sexo, observa-se que os resultados são relativamente semelhantes em todas as dimensões entre o sexo feminino e o sexo masculino com exceção da dimensão status, mais valorizado no sexo masculino (4.29 versus 3.31, p - value <0.001) e na dimensão emocional igualmente mais valorizada para o sexo masculino (4.13 versus 3.23, p – value <0.001).

	Sexo	N	Média	DP	p-value
Status	feminino	112	3.3136	0.43496	<0.001
	masculino	133	4.2904	0.52326	
Afiliação específica / Equipa	feminino	112	3.9598	0.41988	0.291
	masculino	133	4.0169	0.42103	
Forma física	feminino	112	4.4518	0.46711	0.485
	masculino	133	4.4917	0.42534	
Emoções	feminino	112	3.2321	0.51764	<0.001
	masculino	133	4.1378	0.70008	
Competência técnica	feminino	112	4.4291	0.62692	0.232
	masculino	133	4.5221	0.58617	
Afiliação geral	feminino	112	4.3839	0.55563	0.837
	masculino	133	4.3985	0.55118	
Prazer	feminino	112	3.9732	0.59551	0.167
	masculino	133	4.0815	0.62111	
Competição	feminino	112	4.4161	0.60397	0.090
	masculino	133	4.6361	0.97198	

Tabela 3 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto por Sexo do participante.

Quando analisados os resultados das dimensões associadas à prática do desporto por ano de escolaridade, observa-se que as razões subjacentes à prática de exercício físico diferem em função do ano de escolaridade, para todas as dimensões com exceção da dimensão prazer e competição.

São tendencialmente os participantes que se encontram a fazer o Ensino Secundário quem menos valorizam cada uma das dimensões de motivação para a prática do desporto, nomeadamente a questão da emoção e das competências técnicas.

	Sexo	N	Média	DP	p-value
Status	2º ciclo	73	4.1798	0.61414	<0.001
	3º ciclo	125	3.8340	0.64441	
	Secundário	47	3.3484	0.60283	
Afiliação específica / Equipa	2º ciclo	73	3.9555	0.38492	0.006
	3º ciclo	125	4.0660	0.36910	
	Secundário	47	3.8457	0.54810	
Forma física	2º ciclo	73	4.5753	0.34632	0.001
	3º ciclo	125	4.4928	0.44976	
	Secundário	47	4.2638	0.50235	
Emoções	2º ciclo	73	3.9406	0.68345	<0.001
	3º ciclo	125	3.7840	0.75046	
	Secundário	47	3.2270	0.74245	
Competência técnica	2º ciclo	73	4.7352	0.33774	<0.001
	3º ciclo	125	4.6133	0.45279	
	Secundário	47	3.7268	0.69522	
Afiliação geral	2º ciclo	73	4.5114	0.45840	0.008
	3º ciclo	125	4.3973	0.56748	
	Secundário	47	4.1915	0.59687	
Prazer	2º ciclo	73	4.1484	0.60830	0.060
	3º ciclo	125	4.0213	0.58772	
	Secundário	47	3.8794	0.64988	
Competição	2º ciclo	73	4.6301	0.67714	0.315
	3º ciclo	125	4.4960	0.90361	
	Secundário	47	4.4043	0.82514	

Tabela 4 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto por Ano de escolaridade

Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Ano que frequenta	(J) Ano que frequenta	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.
Status	2º ciclo	3º ciclo	.34579*	.09247	.001
		Ensino secundário	.83139*	.11740	.000
	3º ciclo	2º ciclo	-.34579*	.09247	.001
		Ensino secundário	.48560*	.10741	.000
	Ensino secundário	2º ciclo	-.83139*	.11740	.000
		3º ciclo	-.48560*	.10741	.000
Afiliação específica / Equipa	2º ciclo	3º ciclo	-.11052	.06091	.167
		Ensino secundário	.10973	.07733	.333
	3º ciclo	2º ciclo	.11052	.06091	.167
		Ensino secundário	.22026*	.07075	.006
	Ensino secundário	2º ciclo	-.10973	.07733	.333
		3º ciclo	-.22026*	.07075	.006
Forma física	2º ciclo	3º ciclo	.08254	.06375	.399
		Ensino secundário	.31151*	.08094	.000
	3º ciclo	2º ciclo	-.08254	.06375	.399
		Ensino secundário	.22897*	.07405	.006
	Ensino secundário	2º ciclo	-.31151*	.08094	.000
		3º ciclo	-.22897*	.07405	.006
Emoções	2º ciclo	3º ciclo	.15664	.10747	.313
		Ensino secundário	.71369*	.13645	.000
	3º ciclo	2º ciclo	-.15664	.10747	.313
		Ensino secundário	.55705*	.12484	.000
	Ensino secundário	2º ciclo	-.71369*	.13645	.000
		3º ciclo	-.55705*	.12484	.000
Afiliação geral	2º ciclo	3º ciclo	.11408	.08004	.329
		Ensino secundário	.31993*	.10162	.005
	3º ciclo	2º ciclo	-.11408	.08004	.329
		Ensino secundário	.20584	.09297	.071
	Ensino secundário	2º ciclo	-.31993*	.10162	.005
		3º ciclo	-.20584	.09297	.071
Prazer	2º ciclo	3º ciclo	.12707	.08928	.331
		Ensino secundário	.26897*	.11335	.048
	3º ciclo	2º ciclo	-.12707	.08928	.331
		Ensino secundário	.14190	.10371	.359
	Ensino secundário	2º ciclo	-.26897*	.11335	.048
		3º ciclo	-.14190	.10371	.359
Competência técnica	2º ciclo	3º ciclo	.12183	.07078	.199
		Ensino secundário	1.00836*	.08986	.000
	3º ciclo	2º ciclo	-.12183	.07078	.199
		Ensino secundário	.88653*	.08221	.000
	Ensino secundário	2º ciclo	-1.00836*	.08986	.000
		3º ciclo	-.88653*	.08221	.000
Competição	2º ciclo	3º ciclo	.13414	.12185	.514
		Ensino secundário	.22588	.15470	.312
	3º ciclo	2º ciclo	-.13414	.12185	.514
		Ensino secundário	.09174	.14153	.794
	Ensino secundário	2º ciclo	-.22588	.15470	.312
		3º ciclo	-.09174	.14153	.794

Tabela 5 – Dimensões de motivação associadas à prática de desporto por Ano de escolaridade – Teste Tukey

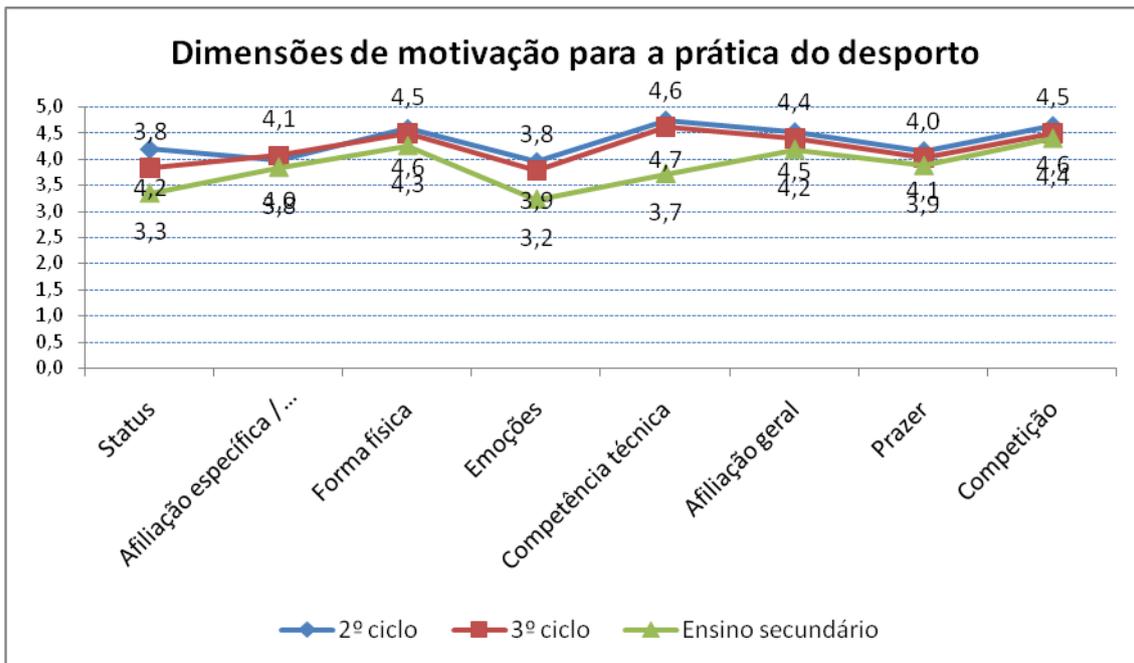


Figura 5 – Dimensões de motivação para a prática de desporto por ano de escolaridade

11.3- Resultados: caracterização da Amostra dos não praticantes

Foram realizados 45 questionários válidos, 76% (34) aplicados a indivíduos do sexo feminino e 24% (11) aplicados a indivíduos do sexo masculino. A idade média dos participantes neste estudo foi de 13.5 ± 1.8 anos, tendo este questionário sido aplicado a indivíduos com idade entre os 10 e 17 anos e que não estavam inscritos no ano 2014/2015.

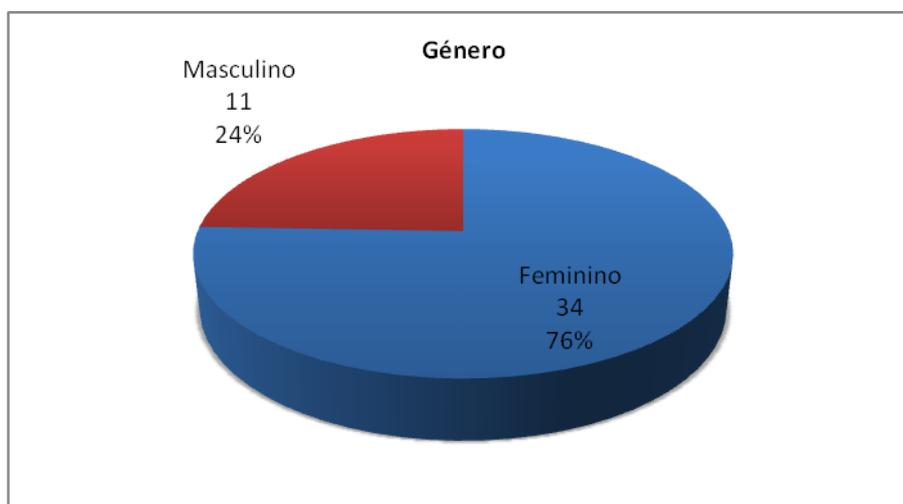


Figura 6 – Género

Cerca de um quarto dos participantes deste estudo encontra-se a frequentar o 7º ano de escolaridade, estando os restantes participantes distribuídos de forma equitativa entre o 5º ano e o 10º ano de escolaridade.

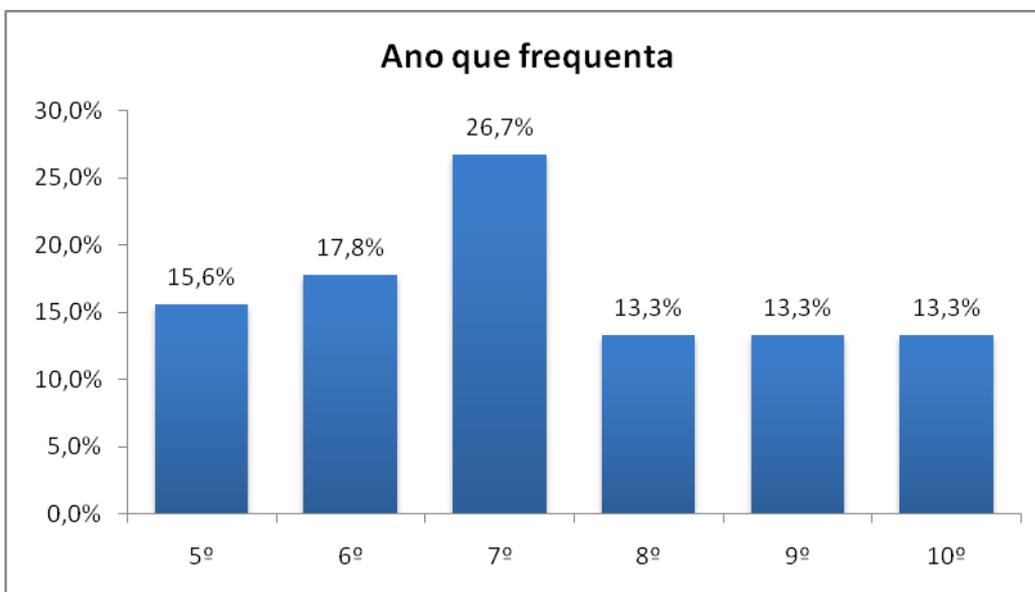


Figura 7 – Ano que frequenta

A principal modalidade praticada por estes estudantes que participaram no estudo é o voleibol (24.4%) e o badminton (22.2%), seguindo-se a natação (17.8%) e o futsal (15.6%).

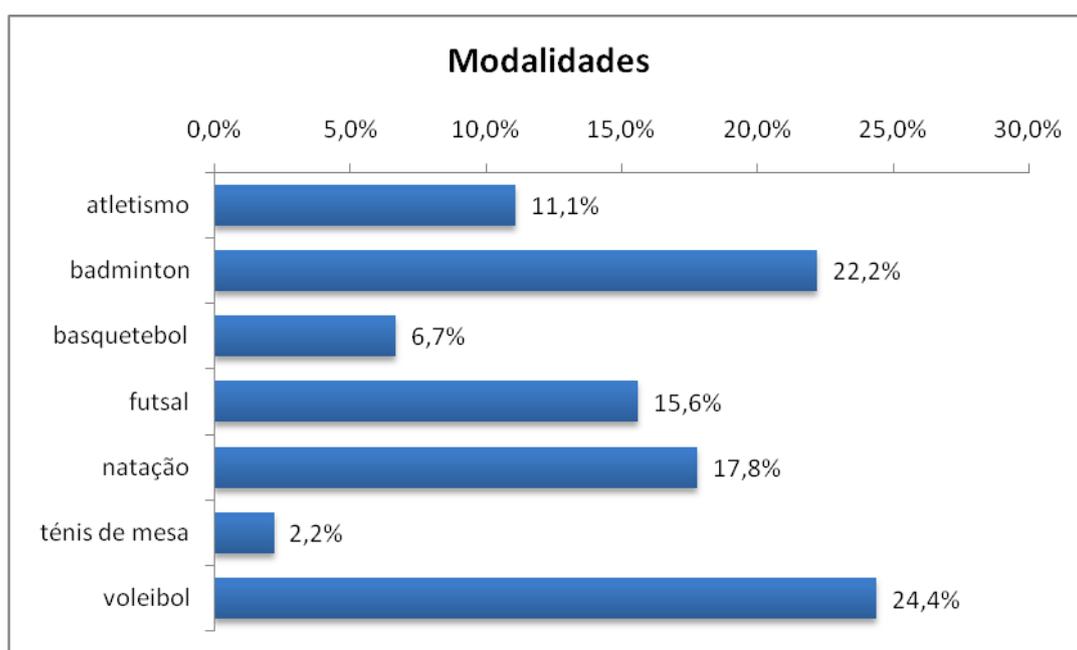


Figura 8 – Modalidades que praticaram

Relativamente ao escalão, os participantes dividem-se de forma semelhante entre Infantil A (35.6%), Infantil B (28.9%) e Iniciados (33.3%). Apenas 2.2% da amostra fazem parte do escalão Juvenil.

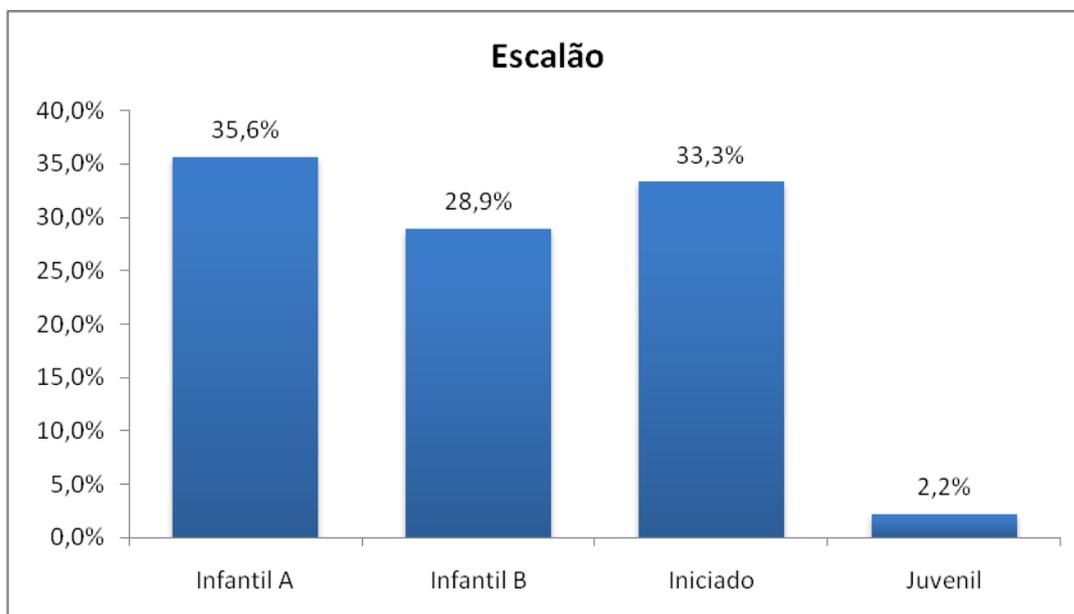


Figura 9 - Escalão

11.4- Resultados: motivos para o abandono do desporto escolar

As três principais razões que motivam os participantes a abandonar o desporto escolar é o facto de considerarem que estudar é mais importante do que praticar desporto, ter outras coisas para fazer e não ter tempo para treinar.

A relação com o treinador e os problemas com os colegas da equipa são razões menos associadas à justificação para o abandono do desporto escolar.

	N	Média	DP
20- Estudar é mais importante que praticar desporto	45	3.22	1.223
5- Tinha outras coisas para fazer	45	3.02	1.196
13- Não tinha tempo para treinar	45	2.87	1.486
1- Não tinha tempo	45	2.71	1.308
33 - Interessei-me por outros passatempos	45	2.62	1.641
3 - Não me divertia nem tinha prazer	45	2.33	1.430
34 - Não existia a minha modalidade preferida	45	2.13	1.307

8 - Sentia-me muito pressionado	45	2.09	1.258
2 - As vitórias eram a única coisa que me interessava	45	2.07	1.195
22 - Comecei a praticar desporto federado num clube	45	2.04	1.429
9 - Não me davam oportunidades para jogar	45	2.00	1.331
6 - Não tinha jeito nem capacidades técnicas	45	1.98	1.138
4 - Só se pensava em ganhar	45	1.87	1.120
24 - Os meus amigos também desistiram	45	1.87	1.079
27 - A maioria dos meus colegas eram melhores que eu	45	1.87	1.014
17 - Não gostava dos métodos do treinador	45	1.82	1.134
21 - Tive mau rendimento escolar e fui castigado	45	1.82	1.193
10 - Interessei-me por outra modalidade	45	1.78	1.204
7 - Não tinha capacidade física	45	1.73	0.863
26 - Ou meus pais proibiram-me	45	1.73	1.156
15 - O meu trabalho e esforço não eram reconhecidos	45	1.71	1.036
25 - Não era convocado(a) para os jogos ou provas	45	1.71	1.014
14 - A equipa perdia sempre ou quase sempre	45	1.67	0.905
32 - Os treinos eram “chatos” sempre a mesma coisa	45	1.64	1.003
16 - Lesionei-me	45	1.64	0.883
18 - O meu esforço não era recompensado	45	1.64	0.981
23 - Os treinos eram muito exigentes e difíceis	45	1.64	0.857
29 - Era demasiado sério e competitivo	45	1.60	0.809
28 - Os treinos e os jogos eram chatos	45	1.58	0.812
36 - Comecei a namorar	45	1.55	1.056
12 - Não jogava tempo suficiente	45	1.53	1.057
35- O treinador/professor era muito autoritário	45	1.51	0.786
19- Não gostava do treinador/professor	45	1.47	0.786
30- O treinador/ professor não me dava importância	45	1.47	0.944
31- Os meus colegas não gostavam de mim	45	1.26	0.539
11 - Tinha problemas com alguns colegas de equipa	45	1.13	0.344

Tabela 6 – Motivos para o abandono do desporto escolar

Relativamente às dimensões associadas às razões para o abandono do desporto escolar são sobretudo o tempo e os condicionantes familiares e sociais.

Numa segunda dimensão surge as capacidades individuais e a orientação desportiva como motivos que levaram estes participantes ao abandono da prática de desporto escolar.

	N	Média	DP
Tempo	45	2.55	0.789
Divertimento, clima e ambiente	45	1.77	0.478
Capacidades individuais	45	1.85	0.736
Orientação desportiva	45	1.85	0.808
Treinador	45	1.60	0.471
Condicionantes familiares e sociais	45	2.13	0.682
Indicadores de treino e competição	45	1.67	0.446

Tabela 7 – Dimensões associadas às razões de abandono do desporto escolar

12- Síntese conclusiva

Quando analisados os resultados das dimensões associadas à prática do desporto por género, aceita-se a H1, observando-se diferenças estatisticamente significativas quando analisados os resultados entre o sexo feminino e o sexo masculino na dimensão status, mais valorizado no sexo masculino (4.29 versus 3.31, p - value <0.001) e na dimensão emocional igualmente mais valorizada para o sexo masculino (4.13 versus 3.23, p - value <0.001). Quando verificamos por ciclos de escolaridade, apuramos que também aqui encontramos diferenças estatisticamente significativas nomeadamente entre o 2º Ciclo e o Secundário (4.17 versus 3.34, p -value <0.001), pelo que se aceita a H 2.

Relativamente às dimensões associadas às razões para o abandono do desporto escolar são sobretudo, o tempo e as condicionantes familiares e sociais.

Numa segunda dimensão surgem as capacidades individuais e a orientação desportiva como motivos que levaram estes participantes ao abandono da prática de desporto escolar.

Quando comparados os nossos dados com outros estudos, verificamos que os nossos resultados se aproximam aos de alguns autores nomeadamente a Gould, Feltz, Weiss e Petlichkoff (1982) quando referem que os aspetos mais

mencionados para a prática desportiva foram: o divertimento, a forma física, a saúde física, a melhoria de competências, a "atmosfera" da equipa e o desafio.

Por outro lado, os que tiveram menos influência na sua participação foram: agradar aos pais ou aos melhores amigos, acalmar a tensão, ser popular e viajar. No nosso trabalho, ser popular e viajar, foram escolhas que se centraram nas últimas opções, enquanto as primeiras escolhas se centraram no “querer aprender novas técnicas”, “gostar de trabalhar em equipa”, “gostar de fazer parte de uma equipa” e de “querer ser fisicamente saudável”.

Num estudo efetuado por Cruz (1996) a primeira análise extensiva sobre motivação foi realizada por Sapp e Haubenstricker (1978) onde um dos principais aspetos apontados, estavam ligados à preocupação com a saúde/aptidão física. Identicamente aqui os nossos resultados se aproximam, uma vez que esta escolha, está na quarta prioridade dos alunos com uma média de 4.65.

Frey, McClements e Sefton (1981, in Cruz, 1996) verificaram, junto de jovens num outro estudo, que os aspetos mais importantes eram: esperavam divertir-se muito com o jogo, desejavam tornar-se bons praticantes, desejavam fazer novas amizades, ambicionavam conquistar troféus e esperavam fazer exercício físico e viajar. No nosso estudo a primeira opção recai sobre o querer aprender novas técnicas, o que de certa forma se enquadra dentro destas opções, no entanto afasta-se em relação a alguns parâmetros nomeadamente na questão do viajar, que é apontado nas últimas opções no nosso trabalho.

Quando analisado o objetivo do nosso trabalho, pretendemos sensibilizar a comunidade educativa para a importância que tem a participação dos alunos na atividade do Desporto Escolar. Atendendo ao facto de os alunos salientarem como uma das principais razões para o abandono da prática desportiva, as condicionantes familiares e sociais, seria de todo o interesse que nos debruçássemos sobre estas questões, no sentido de ultrapassar barreiras que impedem os alunos de praticar uma ou mais modalidades desportivas, importantes para o seu desenvolvimento pessoal e familiar, como referimos anteriormente. Por outro lado e relativamente aos praticantes, a boa formação de professores é um passo importante para a motivação da prática desportiva, pois só assim o professor se manterá atualizado para responder às necessidades dos alunos em termos técnicos, como referem nas suas escolhas

“Quero aprender novas técnicas”. No que diz respeito aos ex-praticantes e pela limitação da amostra, efetuamos a análise descritiva atrás referida onde constatámos que a Dimensão “tempo” e as “condicionantes familiares e Sociais” são os principais fatores mencionados. Muito embora, não se possa atribuir a um responsável direto as razões, estas são de extrema importância para reflexão, pois podem estar diretamente relacionadas com os horários disponíveis para a prática do desporto escolar, uma causa externa e os interesses familiares e pessoais.

Ao encerrar este trabalho, consideramos o mesmo, como algo de preliminar, pois precisa de outros estudos, de outros contextos, para consolidar as ideias que aqui expusemos e para que se possam tirar conclusões mais seguras. Esperamos assim que este trabalho sirva de suporte metodológico para outros projetos a serem desenvolvidos e orientados no tema deste estudo.

Em jeito de conclusão, salientamos as três principais razões que motivam os participantes a abandonar o desporto escolar: o facto de considerarem que estudar é mais importante do que praticar desporto, ter outras coisas para fazer e não ter tempo, nomeadamente para treinar. A relação com treinador e os problemas com os colegas da equipa são razões menos associadas à justificação para o abandono do desporto escolar.

Por outro lado, as três principais razões que motivam os participantes neste estudo a praticar algum desporto é o facto de aprenderem novas técnicas, gostarem de trabalhar em equipa e gostarem de fazer parte de uma equipa.

13 - Realidade do estágio em contexto escolar

Esta foi mais uma etapa da nossa vida, neste caso reportamo-nos ao estágio pedagógico. Sem sombra de dúvidas uma experiência rica e única, com um significado importantíssimo, na vertente familiar e profissional. Admitimos claramente que foi uma aprendizagem quase diária, e se por um lado a prática nos proporcionou um leque riquíssimo de conhecimentos, não menos importante, as reflexões proporcionaram-nos capacidade de intervenção.

Procurámos desenvolver o nosso trabalho, com respeito, humildade e de espírito aberto a novos conhecimentos e desta forma pensamos ter ultrapassado com sucesso esta etapa, claro que este caminho seria impossível de trilhar de forma solitária, aí contamos com todos os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem, não deixando de mencionar os que nos estiveram mais próximos. Começando pelos nossos colegas de estágio, é com gratidão que me dirijo a vocês, por me ajudarem. Aos nossos orientadores, professor João Moreira e Mestre Miguel Fachada, os vossos ensinamentos foram determinantes em todo este percurso, com vocês aprendi a ser um professor reflexivo. Durante este ano letivo, não só elevei todo o trabalho desenvolvido, como foi marcado por conhecimentos e aprendizagem.

13.1- Prática pedagógica supervisionada e perspetivas de futuro

Como já tive oportunidade de referir este trabalho não é possível de realizar nem de trilhar sem o acompanhamento dos nossos orientadores, por isso, aqui deixo expresso o quanto foi importantíssimo o vosso acompanhamento e a vossa supervisão.

Ao professor João Moreira pela sua inteira disponibilidade, pelos seus ensinamentos, sobretudo pelo seu profissionalismo.

O estágio pedagógico deu-me a oportunidade de viver momentos intensos, momentos cheios de entusiasmo, de tristeza, receio de falhar e, por vezes de frustração. Saber organizar e planejar, saber definir objetivos concretos, pôr em prática uma atividade e refletir sobre ela, são etapas necessárias na tarefa de todos os professores.

Reflexão é a palavra que levo, de todo este processo. Com o tempo percebi que refletir sobre a nossa ação é uma necessidade pessoal para o nosso desenvolvimento e essa aprendizagem devo-a claramente aos meus orientadores, professor João Moreira e Mestre Miguel Fachada, hoje sou melhor professor sem dúvida alguma. Finalizo este documento com um sentimento de satisfação transmitindo toda a intensidade que foi vivida neste estágio profissional, não deixando de continuar a apostar na minha formação e restando-me dizer a todos, um grande obrigado!

Referências Bibliográficas

Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Mcgraw-Hill.

Barbosa, L. (1997a). Manual de Tópicos de Ciências da Educação e Fundamentos de Gestão - Gestão da Relação Pedagógica (policopiado). Seminário Investigação-Ação como Meio de Formação Permanente de Professores. Mestrado em Educação - Universidade de Évora. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 1, 3-20.

Cadima, F. (1991). Comunicação do Conselho Nacional das Associações de Profissionais de Educação Física. *Dossier de Desporto Escolar*, 2-3.

Bento, J.O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J. (1991). *O Desporto Escolar e as Novas Exigências de Formação de Docentes*. Lisboa: Editorial Caminho.

Bento, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 2ª Edição, Livros Horizonte.

Bento, Jorge Olímpio (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física* 3ª Edição, Livros Horizonte.

Bloom, B., Hastings, & Madaus. (1971). *Handbook on Formative and Sumative Evaluation of Student Learning*. McGraw-Hill Book Company

Carmo, H. & Ferreira, M.M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta

Cruz, J. (1996). Motivação para a prática e competição desportiva. In J. Cruz (Ed.). *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga, 305-332.

Cruz, J., F, Rodrigues, R,& Ribeiro, F. (1988). Motivação para a competição e prática desportiva. *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2), 113-124

Ennis, C. (2003). *What works in physical education: Designing and implementing a quality educational program*. Educational Horizons.

Fachada, M. (2013), *Aula nº 2 de Administração Escolar*, MEEFEBS, ano letivo 2013/2014, FCDEF-UC, Coimbra.

Filho, M., Matos, D., Paes, G., Pertence, L., Savóia, R., Venturini, G. & Zanella, L. (2009). Educação Física Escolar: uma nova proposta para seu ensino. *Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 137*.

Fonseca, A. (1999). Atribuições Causais em Contextos de Actividade Física e Desportiva. Tese de Doutoramento. Porto: FCDEF-UP.

Fonseca, A. M., & Biddle, S. (2001). Estudo inicial para a adaptação do TEOSQ à realidade portuguesa: Questionário sobre a orientação para a tarefa e para o ego no Desporto (TEOSQp). In A. M. Fonseca (Ed.), *A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre motivação*. Porto: Editora da Universidade do Porto.

Gill, P., Murray, W. and Wright, M. (1981). *Practical Optimization*. Academic Press, San Diego

Good T. L.; Brophy (1984). *Looking in classroom*. New York, Harper and Row.

Gould, D., Feltz, D., Weiss, M. e Petlichkoff, L. (1982). Participation motives in competitive youth swimmers. In T. Orlick, J. T. Partington & J. H. Salmela (Eds.) *Mental Training for coaches and athletes*. Ottawa: Coaching Association of Canada.

Gill, D., Gross, J., & Huddleston (1983). Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology*, 14, 1-14.

Jiménez Castuera, R. (2004). Motivación, trato de igualdad, comportamientos de disciplina en estudiantes de Educación Física en Secundária. Tesis Doctoral. Departamento de Didáctica de la Expresión Musical Plástica y Corporal. Cáceres: Facultad de Ciencias del Deporte. Universidad de Extremadura. España, 6-7.

Lourenço, L. (2010). Mourinho a Descoberta Guiada. Criar e Gerir Equipas de Sucesso, Liderança, Motivação, Superação. Prime Books. Lisboa. 95-103

Marques, A.; Fonseca, A.; Candeias, J.; Coelho, O.; Cunha A.; Veloso, R. e Cunha, P. (2004). Os Jovens e o Desporto - Oportunidades e Dificuldades. Lisboa: Confederação do Desporto de Portugal, 9.

Mateev, D. (1975). O Movimento Olímpico e o seu Alcance Social. Cultura e Desporto. Centro de Documentação e Informação. Lisboa. Direcção - Geral de Desportos, 24, 3-16.

Matos, M. F. & Cruz, A. F. (1997). *Desporto Escolar: Motivação para a Prática e Razões para o Abandono*. Psicologia: Teoria, Investigação e Prática. Centro de Estudos em Educação e Psicologia – Universidade do Minho. Volume 2 (3) (pp.460-489).

Matos, Z. (2012a). *Regulamento da unidade curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básico e secundário da FADEUP*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Ministério da Educação. 2001. Programa Nacional de Educação Física do 3º ciclo de Ensino Básico. Lisboa. Portugal

Morgado, José Carlos. Despropósitos da autonomia curricular. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho, v. 12, n. 2, p. 10, 1999.

Niza, S. (2000). “A Cooperação Educativa na Diferenciação do Trabalho de Aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico”. *in Noésis*, 58, 77-98.

Nobre P. (2012) *Material de apoio à unidade curricular Avaliação Pedagógica em Educação Física*. Mestrado Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, FCDEF-UC, Coimbra.

Nóvoa, A (2009). Para una formación de profesores construída dentro de la profesión. *Revista de Educación*, 350, 203-218.

Nóvoa, A. (2002). Formação de professores e trabalho pedagógico. In Nóvoa, A. (2002). A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola. Lisboa: Educa, pp.33-48

Perrenoud, P. (1997). *Pédagogie différenciée: Des Intentions à L 'Action*. Paris : E.S.F. Éditeur.

Projecto Educativo de Escola (n/d). Escola Secundária da Lousã

Ramacciotti, D. (2010). Glosario de referentes conceptuales asociados a la Motivación en el Deporte. *Revista Digital*. Buenos Aires, 15, 145, 1-24.

Rink, J. E. (1985). *Teaching Physical Education for Learning*. St. Louis: Times Mirror/Mosby.

Roldão, M. (1999 a). *Os Professores e a Gestão do Currículo – Perspectivas e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.

Rosado, A. (1995). *Observação e Reacção à Prestação Motora. Estudo da Competência de Diagnóstico e Prescrição Pedagógica em Tarefas Desportivas*. Tese de Doutoramento não publicada. Lisboa: FMH-UTL.

Santos, J. R. (2009). Atributos da qualidade da competição desportiva escolar: estudo comparativo entre as perceções dos praticantes e respetivos encarregados de educação. *Dissertação apresentada com vista à obtenção do*

grau de Mestre em Educação Física e Desporto. Funchal: Universidade da Madeira.

Sapp, M. e Haubenstricker, J. (1978). Motivation for joining and reasons for not continuing in youth sport programs in Michigan. Paper presented at the annual meeting of the American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Kansas City: MO.

Serpa, S. & Frias, J. (1990). Estudo da relação professor/aluno em ginástica de representação e manutenção. Trabalho não publicado. Universidade Técnica de Lisboa: FMH.

Serpa, S. (1992). Motivação para a prática desportiva. In Sobral, F. & Marques, A. (Coord.), FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa, 89-97. Lisboa: M.E.

Silva, E., Fachada, M., Nobre P. (2012) *Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º Semestres 2012/2013*, FCDEF-UC, Coimbra.

Sousa, M. (2004). O Desporto Escolar no Concelho de Viseu: Que Realidade, que Motivação dos Jovens para a sua Prática? Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 13-42.

SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)

Vickers, J. (1990). *Instructional Design for Teaching Physical Activities: A Knowledge Structures Approach*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

Anexos

Resposta da Direção ao pedido de aplicação dos inquéritos

Agrupamento de Escolas da Lousã <agrupamento.lousa@aglousa.com>

para mim ▾

Caro João Esteves,

Autorizo a aplicação dos questionários no âmbito da motivação/abandono da prática do Desporto Escolar.

Com os melhores cumprimentos

A Diretora

Adelina Palhota

Dimensões do Questionário de Abandono da Prática Desportiva e respectivos itens. (adaptação)

Factor	Item
Tempo	1 - Não tinha tempo disponível
	5 - Tinha outras coisas para fazer
	13 - Não tinha tempo para treinar
	33 - Interessei-me por outros passatempos
	36 - Comecei a namorar
Divertimento, clima e ambiente	2 - As vitórias eram a única coisa que interessava
	3 - Não me divertia, nem tinha prazer
	4 - Só se pensava em ganhar
	8 - Sentia-me muito pressionado
	11 - Tinha problemas com alguns colegas de equipa
	14 - A equipa perdia sempre ou quase sempre
Capacidades individuais	31 - Os meus colegas não gostavam de mim
	6 - Não tinha jeito nem capacidades técnicas
	7 - Não tinha capacidade física
Orientação desportiva	27 - A maioria dos colegas era melhor do que eu
	10 - Interessei-me por outra modalidade desportiva
	16 - Lesionei-me
Treinador	34 - Não existia a minha modalidade preferida
	15 - O meu trabalho não era reconhecido
	17 - Não gostava dos métodos do treinador
	18 - O meu esforço não era recompensado
	19 - Não gostava do treinador
	30 - O treinador/professor não me dava importância
Condicionantes familiares e sociais	35 - O treinador era muito autoritário
	20 - Estudar é mais importante que praticar desporto
	21 - Tive mau rendimento escolar e fui castigado
	22 - Comecei a praticar desporto federado num clube
	24 - Os meus amigos também desistiram
Indicadores de treino e competição	26 - Os meus pais proibiram-me
	9 - Não me davam oportunidades para jogar
	12 - Não jogava tempo suficiente
	23 - Os treinos eram muito exigentes e difíceis
	25 - Não era convocado para os jogos ou provas
	28 - Os treinos e jogos eram uma bandalheira
	29 - Era demasiado sério e competitivo
32 - Os treinos eram chatos, sempre a mesma coisa	

Dimensões do Questionário da Prática Desportiva e respectivos itens. (adaptação)

	3-Gosto de Vencer
	21- Gosto de me sentir importante
	25- Quero ser popular
	19 – Gosto de estar de fora de casa
	12- Gosto de fazer alguma coisa em que seja bom
Status	5- Gosto de viajar
	14- Gosto das recompensas que o desporto me dá
	25 – Quero ser popular
	28 – Quero que os outros me vejam como um bom atleta
	8- Trabalho em equipa
	18- Espírito de grupo
Afiliação Específica/equipa	22- Pertencer a uma equipa
	9- Os pais ou melhores amigos querem que eu jogue
	17- Ter ação
	6- Quero manter-me em forma
Forma Física	24- Ser fisicamente saudável
	15- Fazer exercício
	16- Gosto de ter alguma coisa para fazer
	13- Aliviar a tensão
Emoções	4- Quero descarregar energias
	19- Gosto de estar fora de casa
	1-Quero Melhorar as minhas capacidades técnicas
Competência técnica	10- Aprender novas competências
	23- Quero continuar a melhorar o meu nível desportivo
	2- Estar com os amigos
Afiliação geral / Amizade	11- Fazer novos amigos
	27- Gosto dos treinadores
	30- Prazer em usar equipamentos desportivos
Prazer/ocupação de tempos livres	29- Gosto de me divertir
	7- Gosto da excitação que a modalidade me oferece
Competição	20- Gosto de competir

Ex praticantes De Desporto Escolar

Questionário

Antes de mais o meu muito obrigado pela sua Participação.

Este estudo insere-se no Mestrado Em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário que estou a realizar na Escola secundária da Lousã. (Estágio Pedagógico).

O questionário é anónimo, confidencial e de resposta voluntária. De seguida pede-se que leia cada uma das afirmações abaixo e assinale 1,2,3,4 ou 5 para indicar quanto cada afirmação se aplica a si. Não há respostas certas ou erradas.

A classificação é a seguinte

NADA IMPORTANTE	POUCO IMPORTANTE	IMPORTANTE	MUITO IMPORTANTE	TOTALMENTE IMPORTANTE
1	2	3	4	5

1- Sexo

 M F

2- Idade _____ (anos)

Modalidade _____

3- Que ano frequentas _____

Escalão _____

Eu não pratico desporto Escolar porque...

- 1- Não tinha tempo 1----2----3----4----5
- 2- As vitórias eram a única coisa que me interessava 1----2----3----4----5
- 3- Não me divertia nem tinha prazer 1----2----3----4----5
- 4- Só se pensava em ganhar 1----2----3----4----5
- 5- Tinha outras coisas para fazer 1----2----3----4----5
- 6- Não tinha jeito nem capacidades técnicas 1----2----3----4----5
- 7- Não tinha capacidade física 1----2----3----4----5
- 8- Sentia-me muito pressionado 1----2----3----4----5
- 9- Não me davam oportunidades para jogar 1----2----3----4----5
- 10- Interessei-me por outra modalidade 1----2----3----4----5
- 11- Tinha problemas com alguns colegas de equipa 1----2----3----4----5
- 12- Não jogava tempo suficiente 1----2----3----4----5
- 13- Não tinha tempo para treinar 1----2----3----4----5
- 14- A equipa perdia sempre ou quase sempre 1----2----3----4----5

- 15- O meu trabalho e esforço não eram reconhecidos 1----2----3----4----5
- 16- Lesionei-me 1----2----3----4----5
- 17- Não gostava dos métodos do treinador 1----2----3----4----5
- 18- O meu esforço não era recompensado1----2----3----4----5
- 19- Não gostava do treinador/professor1----2----3----4----5
- 20- Estudar é mais importante que praticar desporto1----2----3----4----5
- 21- Tive mau rendimento escolar e fui castigado1----2----3----4----5
- 22- Comecei a praticar desporto federado num clube1----2----3----4----5
- 23- Os treinos eram muito exigentes e difíceis1----2----3----4----5
- 24- Os meus amigos também desistiram1----2----3----4----5
- 25- Não era convocado(a) para os jogos ou provas1----2----3----4----5
- 26- Ou meus pais proibiram-me1----2----3----4----5
- 27- A maioria dos meus colegas eram melhores que eu1----2----3----4----5
- 28- Os treinos e os jogos eram chatos1----2----3----4----5
- 29- Era demasiado sério e competitivo1----2----3----4----5
- 30- O treinador/ professor não me dava importância1----2----3----4----5
- 31- Os meus colegas não gostavam de mim1----2----3----4----5
- 32- Os treinos eram “chatos” sempre a mesma coisa1----2----3----4----5
- 33- Interessei-me por outros passatempos1----2----3----4----5
- 34- Não existia a minha modalidade preferida1----2----3----4----5
- 35- O treinador/professor era muito autoritário1----2----3----4----5
- 36- Comecei a namorar1----2----3----4----5

Praticantes De Desporto Escolar

Questionário

Antes de mais o meu muito obrigado pela sua Participação.

Este estudo insere-se no Mestrado Em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário que estou a realizar na Escola secundária da Lousã. (Estágio Pedagógico).

O questionário é anónimo, confidencial e de resposta voluntária. De seguida pede-se que leia cada uma das afirmações abaixo e assinale 1,2,3,4 ou 5 para indicar quanto cada afirmação se aplica a si. Não há respostas certas ou erradas.

A classificação é a seguinte

Discordo plenamente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo plenamente
1	2	3	4	5

1- Sexo M F

2- Idade _____ (anos) Modalidade _____

3- Que ano frequentas _____ Escalão _____

Eu pratico desporto Escolar porque...

- 1- Quero melhorar as minhas capacidades técnicas1----2----3----4----5
- 2- Quero estar com os meus amigos1----2----3----4----5
- 3- Gosto de vencer1----2----3----4----5
- 4- Quero descarregar energias1----2----3----4----5
- 5- Gosto de viajar1----2----3----4----5
- 6- Quero manter-me em forma1----2----3----4----5
- 7- Gosto da excitação que a modalidade me oferece1----2----3----4----5
- 8- Gosto de trabalhar em equipa1----2----3----4----5
- 9- Os pais ou melhores amigos querem que eu jogue1----2----3----4----5
- 10- Quero aprender novas técnicas1----2----3----4----5
- 11- Gosto de fazer novos amigos1----2----3----4----5
- 12- Gosto de fazer alguma coisa em que seja bom1----2----3----4----5
- 13- Quero acalmar a minha tensão1----2----3----4----5
- 14- Gosto das recompensas que o desporto me dá1----2----3----4----5
- 15- Gosto de fazer exercício físico1----2----3----4----5

- 16- Gosto de ter alguma coisa para fazer1----2----3----4----5
- 17- Gosto de ação1----2----3----4----5
- 18- Gosto do espírito de equipa1----2----3----4----5
- 19- Gosto de estar fora de casa1----2----3----4----5
- 20- Gosto de competir1----2----3----4----5
- 21- Gosto de me sentir importante1----2----3----4----5
- 22- Gosto de fazer parte de uma equipa1----2----3----4----5
- 23- Quero continuar a melhorar o meu nível desportivo1----2----3----4----5
- 24- Quero ser fisicamente saudável1----2----3----4----5
- 25- Quero ser popular1----2----3----4----5
- 26- Gosto do desafio que a competição me dá1----2----3----4----5
- 27- Gosto dos treinadores1----2----3----4----5
- 28- Quero que os outros me vejam como um bom atleta1----2----3----4----5
- 29- Gosto de me divertir1----2----3----4----5
- 30- Gosto de usar equipamentos desportivos1----2----3----4----5

Ficha de Caracterização do(a) Aluno(a)

Ano Letivo 2014/2015

Identificação

Nome: _____ Sexo: M_ F_ Data de Nascimento: __-__-__

Saúde e Hábitos de Higiene

1.Tens dificuldades de Audição?

Sim __ Não __

2.Tens dificuldades de Visão?

Sim __ Não __

3.Tens alguma doença que limite a tua prática desportiva?

Sim __ Não __

Se sim, qual/quais? _____

4.Já sofreste alguma lesão desportiva?

Sim __ Não __

Se sim, o quê? _____

Repouso

5.A que horas costumas deitar-te?

5.A que horas costumas deitar-te?							
21-22h		22-23h		23-24h		+24h	

6.Quantas horas costumas dormir por noite?

6.Quantas horas costumas dormir por noite?									
6h		7h		8h		9h		10h	

Alimentação

7.Quais as refeições que fazes diariamente?

7.Quais as refeições que fazes diariamente?									
Pequeno almoço		Lanche (meio da manhã)		Almoço		Lanche (tarde)		Jantar	

Tempos Livres

8.Assinala nos espaços em branco as atividades a que te dedicas nos tempos livres:

8.Assinala nos espaços em branco as atividades a que te dedicas nos tempos livres:			
Ver televisão		Praticar Desporto	
Ouvir música		Sair com os amigos	
Ler		Utilizar o computador	
Ir ao cinema/concertos		Outras:	

Hábitos Desportivos:

9. Já praticaste alguma modalidade desportiva fora do âmbito escolar?

Sim __ Não __

Se sim, qual/quais? _____

10. Atualmente praticas algum desporto?

Sim __ Não __

Se sim, qual/quais? _____

Em caso de resposta afirmativa:		
Federado		Tempo/semana:
Não federado		Clube:

11. Praticar desporto, é para ti uma atividade do teu agrado?					
Bastante		Razoável		Nada	

Educação Física na escola

12. Que nota obtiveste no final do ano lectivo 2013/2014 na disciplina de Educação Física?

R: _____

13. Das seguintes modalidades, assinala aquelas que já praticaste nas aulas de Educação Física:							
Voleibol		Basquetebol		Futebol		Andebol	
Atletismo		Badminton		Dança		Patinagem	
Ginástica Rítmica		Ginástica Acrobática		Ginástica de Aparelhos		Ginástica de solo	
Cicloturismo		Orientação		Oribtt			
Outras, quais?							

14. Escolhe duas das seguintes modalidades que mais gostarias de experimentar (uma de dança e outra das restantes):							
Tiro com arco		Cicloturismo		Orientação		Canoagem	
Oribtt		Danças tradicionais		Danças de Salão			

15. Sabes andar de Bicicleta?

Sim __ Não __

16. Sabes Nadar?

Sim __ Não __

17. Na tua opinião, qual a utilidade da disciplina de Educação Física nas escolas?			
Combater o cansaço		Emagrecer	
Melhoria da qualidade de vida		Melhoria da condição física	
Criar hábitos desportivos		Fomentar o gosto pela prática desportiva	
Fortalecer a responsabilidade pessoal, cooperação e solidariedade		Animação cultural	
Praticar novas modalidades	Outras, quais?		

18. Classifica o grau de importância que atribuis à aula de Educação Física:							
Nada importante		Pouco Importante		Importante		Muito Importante	

Desporto Escolar

19. Com que frequência estiveste ligado ao Desporto Escolar?	
Sempre que houve Desporto Escolar participei	
Pratiquei durante alguns anos	
Nunca participei no Desporto Escolar	

Se participaste no Desporto Escolar, indica em que modalidade/s:	
---	--

Se não participaste no Desporto Escolar, indica a ou as razões:			
Não gostava das modalidades		Já praticava desporto noutra local	
Não simpatizava com os professores		Tinha outras atividades	
Exigiam muitos treinos		Por não gostar de desporto	
Problemas com horários		Outras, quais?	

Qualidade dos Docentes

20. Aponta as qualidades que mais aprecias num professor(a):			
Exigência		Comunicabilidade	
Pontualidade		Cordialidade	
Simpatia		Sentido de humor	
Sentido de justiça		Outras, quais?	

Oneway

Descriptives

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence ..
						Lower Bound
Status	2º ciclo	73	4.1798	.61414	.07188	4.0365
	3º ciclo	125	3.8340	.64441	.05764	3.7199
	Ensino secundário	47	3.3484	.60283	.08793	3.1714
	Total	245	3.8439	.68698	.04389	3.7574
Afiliação específica / Equipa	2º ciclo	73	3.9555	.38492	.04505	3.8657
	3º ciclo	125	4.0660	.36910	.03301	4.0007
	Ensino secundário	47	3.8457	.54810	.07995	3.6848
	Total	245	3.9908	.42061	.02687	3.9379
Forma física	2º ciclo	73	4.5753	.34632	.04053	4.4945
	3º ciclo	125	4.4928	.44976	.04023	4.4132
	Ensino secundário	47	4.2638	.50235	.07328	4.1163
	Total	245	4.4735	.44444	.02839	4.4175
Emoções	2º ciclo	73	3.9406	.68345	.07999	3.7812
	3º ciclo	125	3.7840	.75046	.06712	3.6511
	Ensino secundário	47	3.2270	.74245	.10830	3.0090
	Total	245	3.7238	.76905	.04913	3.6270
Afiliação geral	2º ciclo	73	4.5114	.45840	.05365	4.4045
	3º ciclo	125	4.3973	.56748	.05076	4.2969
	Ensino secundário	47	4.1915	.59687	.08706	4.0162
	Total	245	4.3918	.55213	.03527	4.3224
Prazer	2º ciclo	73	4.1484	.60830	.07120	4.0065
	3º ciclo	125	4.0213	.58772	.05257	3.9173
	Ensino secundário	47	3.8794	.64988	.09479	3.6886
	Total	245	4.0320	.61070	.03902	3.9551
Competência técnica	2º ciclo	73	4.7352	.33774	.03953	4.6564
	3º ciclo	125	4.6133	.45279	.04050	4.5332
	Ensino secundário	47	3.7268	.69522	.10141	3.5227
	Total	245	4.4796	.60567	.03869	4.4033
Competição	2º ciclo	73	4.6301	.67714	.07925	4.4721
	3º ciclo	125	4.4960	.90361	.08082	4.3360
	Ensino secundário	47	4.4043	.82514	.12036	4.1620
	Total	245	4.5184	.82771	.05288	4.4142

Descriptives

		95% Confidence ...		
		Upper Bound	Minimum	Maximum
Status	2º ciclo	4.3231	2.38	5.00
	3º ciclo	3.9481	2.25	5.00
	Ensino secundário	3.5254	2.13	4.88
	Total	3.9303	2.13	5.00
Afiliação específica / Equipa	2º ciclo	4.0453	2.75	4.75
	3º ciclo	4.1313	2.75	5.00
	Ensino secundário	4.0067	2.50	5.00
	Total	4.0437	2.50	5.00
Forma física	2º ciclo	4.6561	3.40	5.00
	3º ciclo	4.5724	2.40	5.00
	Ensino secundário	4.4113	2.80	5.00
	Total	4.5294	2.40	5.00
Emoções	2º ciclo	4.1001	2.00	5.00
	3º ciclo	3.9169	1.33	5.00
	Ensino secundário	3.4449	1.33	5.00
	Total	3.8206	1.33	5.00
Afiliação geral	2º ciclo	4.6184	3.00	5.00
	3º ciclo	4.4978	2.00	5.00
	Ensino secundário	4.3667	3.00	5.00
	Total	4.4613	2.00	5.00
Prazer	2º ciclo	4.2903	2.33	5.00
	3º ciclo	4.1254	2.33	5.00
	Ensino secundário	4.0702	2.00	5.00
	Total	4.1088	2.00	5.00
Competência técnica	2º ciclo	4.8140	3.67	5.00
	3º ciclo	4.6935	2.33	5.00
	Ensino secundário	3.9309	2.17	5.00
	Total	4.5558	2.17	5.00
Competição	2º ciclo	4.7881	1.00	5.00
	3º ciclo	4.6560	1.00	5.00
	Ensino secundário	4.6465	1.00	5.00
	Total	4.6225	1.00	5.00

Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Ano que frequenta	(J) Ano que frequenta	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Status	2º ciclo	3º ciclo	.1277	.5639
		Ensino secundário	.5545	1.1082
	3º ciclo	2º ciclo	-.5639	-.1277
		Ensino secundário	.2323	.7389
	Ensino secundário	2º ciclo	-1.1082	-.5545
		3º ciclo	-.7389	-.2323
Afiliação específica / Equipa	2º ciclo	3º ciclo	-.2542	.0331
		Ensino secundário	-.0726	.2921
	3º ciclo	2º ciclo	-.0331	.2542
		Ensino secundário	.0534	.3871
	Ensino secundário	2º ciclo	-.2921	.0726
		3º ciclo	-.3871	-.0534
Forma física	2º ciclo	3º ciclo	-.0678	.2329
		Ensino secundário	.1206	.5024
	3º ciclo	2º ciclo	-.2329	.0678
		Ensino secundário	.0543	.4036
	Ensino secundário	2º ciclo	-.5024	-.1206
		3º ciclo	-.4036	-.0543
Emoções	2º ciclo	3º ciclo	-.0968	.4101
		Ensino secundário	.3919	1.0355
	3º ciclo	2º ciclo	-.4101	.0968
		Ensino secundário	.2627	.8514
	Ensino secundário	2º ciclo	-1.0355	-.3919
		3º ciclo	-.8514	-.2627
Afiliação geral	2º ciclo	3º ciclo	-.0747	.3028
		Ensino secundário	.0803	.5596
	3º ciclo	2º ciclo	-.3028	.0747
		Ensino secundário	-.0134	.4251
	Ensino secundário	2º ciclo	-.5596	-.0803
		3º ciclo	-.4251	.0134
Prazer	2º ciclo	3º ciclo	-.0835	.3376
		Ensino secundário	.0017	.5363
	3º ciclo	2º ciclo	-.3376	.0835
		Ensino secundário	-.1027	.3865
	Ensino secundário	2º ciclo	-.5363	-.0017
		3º ciclo	-.3865	.1027
Competência técnica	2º ciclo	3º ciclo	-.0451	.2887
		Ensino secundário	.7965	1.2203
	3º ciclo	2º ciclo	-.2887	.0451
		Ensino secundário	.6927	1.0804
	Ensino secundário	2º ciclo	-1.2203	-.7965
		3º ciclo	-1.0804	-.6927
Competição	2º ciclo	3º ciclo	-.1532	.4215
		Ensino secundário	-.1389	.5907
	3º ciclo	2º ciclo	-.4215	.1532
		Ensino secundário	-.2420	.4255
	Ensino secundário	2º ciclo	-.5907	.1389
		3º ciclo	-.4255	.2420

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Homogeneous Subsets

Status

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05		
		1	2	3
Ensino secundário	47	3.3484		
3º ciclo	125		3.8340	
2º ciclo	73			4.1798
Sig.		1.000	1.000	1.000

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Afiliação específica / Equipa

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ensino secundário	47	3.8457	
2º ciclo	73	3.9555	3.9555
3º ciclo	125		4.0660
Sig.		.262	.257

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Forma física

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ensino secundário	47	4.2638	
3º ciclo	125		4.4928
2º ciclo	73		4.5753
Sig.		1.000	.499

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Emoções

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ensino secundário	47	3.2270	
3º ciclo	125		3.7840
2º ciclo	73		3.9406
Sig.		1.000	.414

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Afiliação geral

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ensino secundário	47	4.1915	
3º ciclo	125	4.3973	4.3973
2º ciclo	73		4.5114
Sig.		.067	.431

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Prazer

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ensino secundário	47	3.8794	
3º ciclo	125	4.0213	4.0213
2º ciclo	73		4.1484
Sig.		.351	.432

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Competência técnica

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ensino secundário	47	3.7268	
3º ciclo	125		4.6133
2º ciclo	73		4.7352
Sig.		1.000	.294

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Competição

Tukey HSD^{a,b}

Ano que frequenta	N	Subset for alpha = 0.05
		1
Ensino secundário	47	4.4043
3º ciclo	125	4.4960
2º ciclo	73	4.6301
Sig.		.242

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 69.808.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Obrigado pela colaboração!